

# Bernard Cornwell



*As Crônicas de Nathaniel Starbuck*

**LIVRO II**

*Tradução de Luís Santos*

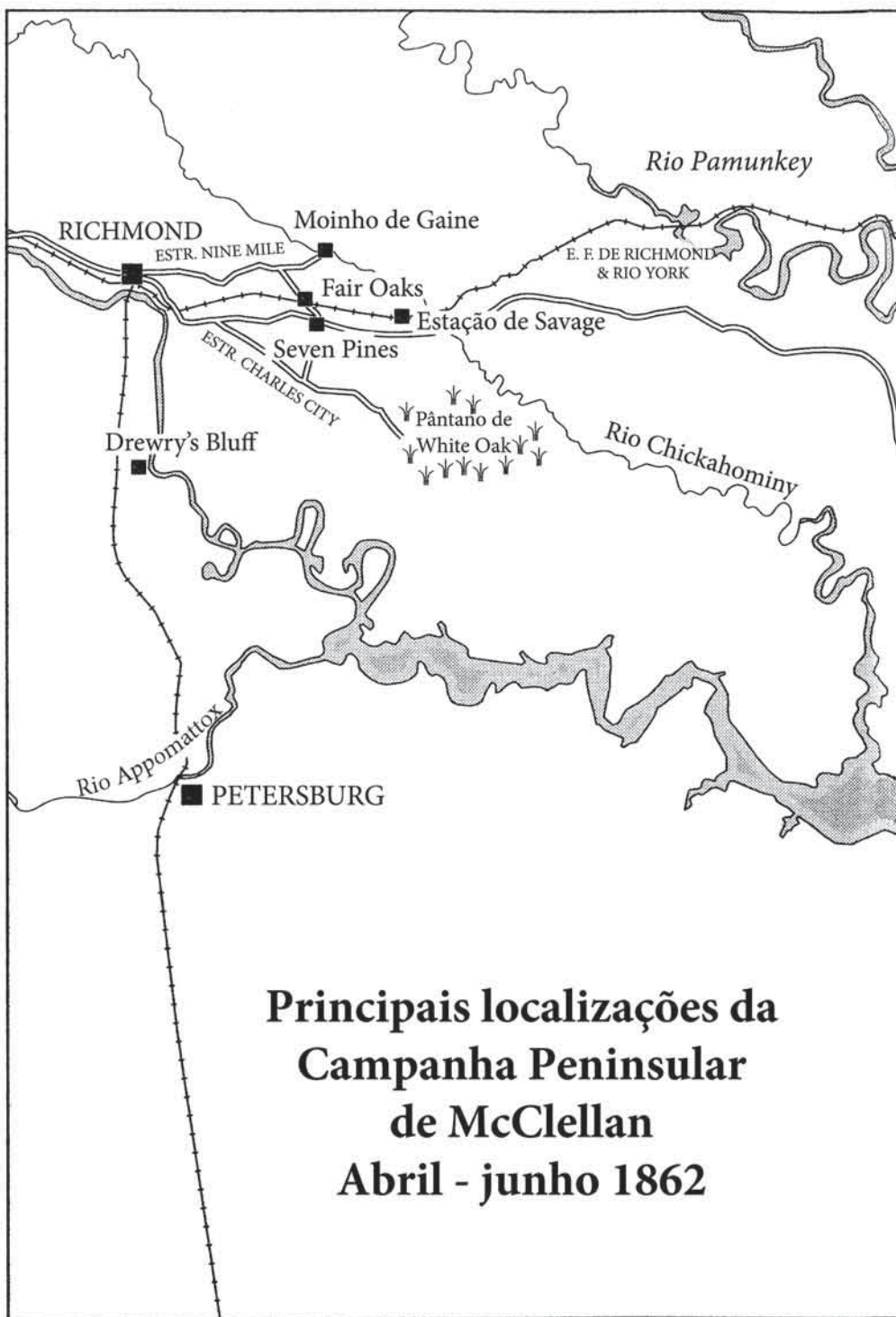
*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina



*Traidor* é dedicado ao Bill e à Anne Moir



**Principais localizações da  
Campanha Peninsular  
de McClellan  
Abril - junho 1862**







# PARTE UM





**A** invasão teve início à meia-noite.

A bem da verdade, não se tratava de uma invasão, mas sim apenas de um ataque forte contra um acampamento rebelde que uma patrulha avistara entre a mata densa que encimava a falésia alta da margem virginiana do rio. Contudo, para os dois mil homens que esperavam para atravessar a agitada massa cinzenta do rio Potomac, a ação daquela noite parecia mais decisiva do que uma mera incursão. Aquele combate do outro lado do rio era a sua oportunidade de provar que os críticos estavam errados. Soldados de infantário, assim lhes chamara um jornal: com uma formação maravilhosa e uma bela recruta, mas demasiado preciosos para se sujarem durante uma batalha. Todavia, naquela noite, os desprezados soldados do infantário iriam lutar. Naquela noite, o Exército do Potomac levaria ferro e fogo a um acampamento rebelde e, se tudo corresse bem, prosseguiriam o seu caminho para ocupar a vila de Leesburg, três quilómetros além do acampamento inimigo. Os soldados expectantes imaginavam os habitantes embaraçados da povoação virginiana ao verem uma vez mais a bandeira da União desfraldada na sua comunidade, e depois imaginaram-se a marchar para sul, ainda mais para baixo, até que a rebelião fosse esmagada e a América voltasse a ficar unida, em paz e fraternidade.

— Seu sacana! — bradou uma voz na margem do rio, onde um grupo de trabalho lançara à água um barco que fora trazido do Canal Chesapeake e Ohio, ali perto. Um dos elementos do grupo escorregara no barro, deixando cair a popa da embarcação em cima do pé de um

sargento. — Imprestável de merda, grande sacana! — O sargento afastou-se do barco, a saltitar.

— Desculpe — lamentou-se o homem, nervoso.

— Eu dou-te as desculpas, seu estafermo!

— Silêncio! Toca a calar! — Um oficial, resplandecente com o novo sobretudo debruado, com toda a elegância, a vermelho, desceu a margem íngreme e ajudou a levantar o esquife em direção à água plúmbea do rio, de onde se erguia uma leve névoa que encobria a margem oposta. Labutavam debaixo de uma Lua alta, num céu sem nuvens e com uma extensão de estrelas tão brilhantes e limpas que pareciam um augúrio de êxito. Estava-se em outubro, o mês fragrante em que o ar cheirava a maçãs e a fumo de lenha, quando os dias de calor intenso do verão davam lugar ao tempo fresco com promessa suficiente a inverno para convencer os soldados a usar os belos sobretudos novos, da mesma cor da neblina vagarosa do rio.

Os primeiros barcos deixaram, atrapalhados, a margem. Os remos soaram com estrépito nos toletes, depois mergulharam na água e agitaram-se enquanto as embarcações penetravam no nevoeiro. Os homens, que momentos antes eram criaturas lentas a praguejar, à medida que desciam a encosta barrenta até aos barcos desajeitados, transformavam-se misteriosamente em silhuetas de guerreiros, de contornos tornados irregulares pelas armas, que deslizavam num silêncio nobre através da noite vaporosa na direção das sombras nebulosas da margem inimiga. O oficial que admoestara o sargento fitou, melancólico, a superfície da água.

— Será — comentou baixinho para os homens à sua volta — que foi assim que Washington se sentiu na noite em que atravessou o Delaware?

— Quer-me parecer que essa noite foi muito mais fria — replicou um segundo oficial, um jovem estudante de Boston.

— Não vai tardar muito a arrefecer por aqui também — lembrou o primeiro oficial, um major. — Só faltam dois meses para o Natal. — Quando o major marchara para a guerra, os jornais prometiam que no outono a rebelião teria chegado ao fim, mas agora o major interrogava-se se estaria em casa com a esposa e os três filhos para os rituais familiares da época festiva. Na Véspera de Natal cantavam cânticos de Natal no parque de Boston, com o rosto das crianças iluminadas por lanternas penduradas em postes, e depois havia ponche quente e fatias de ganso assado na sacristia da igreja. Depois, no dia de Natal, visitavam a fazenda dos pais da esposa em Stoughton, onde aparelhavam os cavalos e as crianças riam-se, deliciadas, enquanto trotavam pelas estradas campestres no meio de uma nuvem de neve e do retinir dos sinos do trenó.

— Também acho que a organização do general Washington era superior à nossa — tornou o estudante transformado em tenente com um tom

divertido. Chamava-se Holmes e era esperto o suficiente para espantar os superiores, mas regra geral mostrava inteligência quanto bastasse para não deixar que essa esperteza lhes alienasse a afeição.

— Tenho a certeza que a nossa organização bastará — respondeu o major, talvez um tudo-nada defensivamente a mais.

— Tenho a certeza que terá razão — asseverou o tenente Holmes, embora não tivesse, de todo, a certeza de tal facto. Três regimentos de tropas nortistas estavam à espera para atravessar, e só tinham três pequenos barcos para os levarem desde a margem de Maryland até à ilha próxima da margem oposta do rio, onde os soldados teriam de aguardar antes de voltarem a embarcar em outros dois barcos para a breve travessia final até ao território da Virgínia. Sem dúvida estariam a atravessar o rio no ponto mais próximo do acampamento inimigo, mas o tenente Holmes não compreendia por que motivo não teriam atravessado quilómetro e meio a montante, onde não havia ilha a obstruir o rio. Talvez, imaginou Holmes, aquele fosse um ponto de passagem tão improvável que os rebeldes nem sequer teriam pensado em guardá-lo, algo que parecia a melhor explicação possível.

Claro que se a escolha do ponto de travessia era obscura, pelo menos o objetivo daquela noite era claro. A expedição iria escalar as escarpas da Virgínia para atacar o acampamento rebelde e capturar tantos confederados quanto possível. Alguns rebeldes escapariam, mas esses fugitivos veriam o caminho bloqueado por uma segunda força ianque que atravessava o rio oito quilómetros a jusante. Essa força iria cortar a estrada que ligava Leesburg ao quartel-general rebelde em Centreville, e aprisionar as forças rebeldes derrotadas daria ao Norte uma vitória pequena, mas significativa que serviria para provar que o Exército do Potomac podia fazer mais do que apenas treinar e apresentar paradas impressionantes. A captura de Leesburg seria um bónus agradável, mas o verdadeiro objetivo da noite era provar que o acabado de treinar Exército do Potomac estava pronto e era capaz de fustigar os rebeldes.

Era por isso que os pequenos barcos se aventuravam para um lado e para o outro no meio da neblina. Cada travessia parecia demorar uma eternidade e para os homens impacientes na margem de Maryland, as fileiras que aguardavam pareciam nunca diminuir. O 15º do Massachusetts atravessava primeiro e alguns dos soldados do 20º do Massachusetts receavam que o regimento irmão capturasse o acampamento inimigo muito antes de os barcos concluírem o transporte do 20º pelo rio. Tudo parecia lento e atabalhoado. Enquanto os soldados abordavam os barcos a remos, as coronhas das espingardas ressoavam nos talabardões e as bainhas das baionetas prendiam-se na vegetação à borda da água. Às duas da manhã encontrou-se a montante um barco maior, o qual foi trazido até ao ponto

da travessia, onde foi recebido com um viva irónico. Ao tenente Holmes parecia que os homens à espera faziam muito barulho, o suficiente, por certo, para alertar quaisquer rebeldes que pudessem estar de guarda à margem da Virgínia, mas não soou qualquer desafio no meio da neblina, nem tampouco ecoaram disparos na elevada encosta arborizada que se erguia, ominosa, além da ilha.

— Esta ilha tem nome? — perguntou o tenente Holmes ao major que falara, com tanto anelo, sobre o Natal.

— Ilha Harrison, creio eu. Sim, Harrison.

Ao tenente Holmes parecia um nome de todo sonante. Preferiria algo mais nobre a marcar o batismo de fogo do 20º do Massachusetts. Talvez um topónimo com o timbre férreo de Valley Forge, ou a nobreza simples de Yorktown. Algo que ecoasse nos anais da História e que ficasse bem ao ser bordado no estandarte de batalha do regimento. Ilha Harrison soava demasiado prosaico.

— E a colina além? — indagou, esperançoso. — Na outra margem?

— Chama-se Ball's Bluff — respondeu o major, e isso soou ainda menos heroico. A batalha de Ball's Bluff parecia um jogo de póquer e não o acontecimento extraordinário que marcaria o regresso das armas nortistas.

Holmes aguardou junto à sua companhia. Seriam os primeiros do 20º do Massachusetts a atravessar e, logo, a parte do regimento com maior probabilidade de entrar numa escaramuça, caso o 15º não tivesse já capturado o acampamento. Tal possibilidade de batalha deixava os homens nervosos. Nenhum deles entrara ainda em combate, embora todos eles já tivessem ouvido narrativas sobre a batalha travada em Bull Run, três meses antes, e sobre como as fileiras rebeldes de fardas cinzentas tinham conseguido manter-se unidas tempo suficiente para obrigar o exército federal, mais numeroso, a bater uma retirada em pânico. Claro que nenhum dos elementos do 20º do Massachusetts pensava que viessem a sofrer um destino semelhante. Estavam soberbamente equipados, eram bem treinados, tinham a liderança de um soldado profissional e acreditavam serem capazes de derrotar qualquer rebelde. Correriam riscos, como era óbvio — esperavam, e até queriam, algum perigo — mas o trabalho dessa noite seria coroado com uma vitória.

Um dos barcos que regressava da Ilha Harrison trazia a bordo um capitão do 15º do Massachusetts que atravessara com as primeiras tropas e que voltava agora para fazer o seu relatório aos comandantes dos regimentos à espera. O capitão escorregou ao saltar da proa do barco e teria caído se o tenente Holmes não tivesse estendido a mão para o segurar.

— Está tudo sossegado no Potomac? — perguntou Holmes jocosamente.

— Está tudo sossegado. — O capitão pareceu desapontado. — Tudo demasiado calmo. Lá em cima nem sequer há um acampamento inimigo.

— Não há tendas? — indagou o tenente Holmes, surpreendido. — Deveras? — Esperava que a voz soasse adequadamente desapontada, tal como seria de esperar de um guerreiro que via negada uma oportunidade de combate. Em parte sentia-se mesmo desiludido, pois ansiara pela excitação, mas tinha igualmente noção do alívio embaraçoso de saber que talvez não houvesse qualquer inimigo à espera na falésia distante.

O capitão endireitou a casaca.

— Sabe Deus o que aquela patrulha julgou ter visto ontem à noite, mas nós não encontramos nada. — Afastou-se com a informação, enquanto o tenente Holmes passava palavra à sua companhia. Não havia inimigos à espera do outro lado do rio, o que significava que, provavelmente, a expedição marcharia agora para ocupar Leesburg. Um sargento quis saber se haveria tropas rebeldes em Leesburg e Holmes viu-se obrigado a admitir a sua ignorância, mas o major, escutando a conversa, adiantou que, quando muito, teriam apenas uma mancheia de elementos da Milícia da Virgínia, provavelmente equipados com as mesmas armas com que os avós tinham combatido os britânicos. O major disse ainda que a sua nova missão seria capturar a colheita que acabara de ser depositada nos celeiros e nos armazéns de Leesburg, e que embora tais suprimentos se tratassem de um alvo militar legítimo, a restante propriedade privada deveria ser respeitada.

— Não estamos aqui para combater contra os lares de mulheres e crianças — alertou severamente o major. — Temos de mostrar aos secessionistas que as tropas nortistas são suas amigas.

— Amém — respondeu o sargento. Era um pregador laico que tentava livrar o regimento dos pecados dos jogos de cartas, do álcool e das mulheres.

Os últimos elementos do 15º do Massachusetts chegou à ilha e os soldados de casaca cinzenta de Holmes arrastaram-se margem abaixo para aguardar pela sua vez de entrar nos barcos. Havia uma sensação de desilusão entre os homens. Tinham antecipado uma caçada movimentada pela mata, mas em vez disso parecia que se limitariam a desarmar uma povoação de velhos dos seus mosquetes.

Nas sombras da margem da Virgínia, uma raposa atacou e um coelho morreu. O grito do animal foi repentino e agudo, tendo cessado quase assim que começou, ficando para trás apenas o cheiro do sangue e o eco da morte no bosque escuro e adormecido.

O capitão Nathaniel Starbuck chegou ao acampamento do regimento às três da madrugada. A noite estava limpa, iluminada pelas estrelas e pela

Lua, com um mero vestígio de neblina nos baixios. Caminhara desde Le-esburg e sentia-se exausto quando chegou ao prado onde as tendas e os abrigos da Legião se alinhavam, em quatro filas ordeiras. Uma sentinela da Companhia C acenou afavelmente ao jovem oficial de cabelo preto.

— Ouviu o coelho, meu capitão?

— Willis? Chama-se Willis, não é? — perguntou Starbuck.

— Bob Willis.

— Não devia intimar-me, Bob Willis? Não devia apontar a espingarda, exigir a senha e abater-me se não dissesse a correta?

— Sei quem o meu capitão é. — O sorriso rasgado de Willis brilhou ao luar.

— Da maneira que me sinto, se me tivesse dado um tiro, era um favor que me fazia. O que é que o coelho lhe disse?

— Gritou como se estivesse a morrer, meu capitão. Deve ter sido apanhado por uma raposa.

Starbuck arrepiou-se com o prazer na voz da sentinela.

— Boa-noite, Willis, e que os anjos o embalem ao adormecer. — Starbuck prosseguiu caminho entre os restos das fogueiras dessa noite e o punhado de tendas cónicas onde dormiam alguns dos homens da Legião Faulconer. A maioria das tendas do regimento perdera-se no caos do campo da batalha de Manassas, pelo que o grosso dos regimentos dormia ao relento, ou em abrigos feitos com ramos e ervas. Um lume tremeluzia entre os abrigos da Companhia K de Starbuck e um homem ergueu o olhar à aproximação do jovem oficial.

— Sóbrio? — indagou o homem.

— O sargento Truslow está acordado — declarou Starbuck. — O Truslow nunca dorme? Estou perfeitamente sóbrio. Por acaso estou sóbrio como um pregador.

— Já me cruzei com alguns pregadores bêbados — referiu o sargento Truslow num tom amargo. — Em Rosskill há um batista ranhoso que não é capaz de dizer o Pai-Nosso sem primeiro engolir uma boa dose de uísque. Uma vez quase se afogou, quando estava a tentar batizar um bando de carpideiras no rio atrás da igreja. Elas todas a rezar e ele tão perdido de bêbado que nem se segurava de pé. Então e o que estiveste a fazer? Andaste às gatas?

“Andar às gatas” era a expressão pejorativa do sargento para se referir a alguém que andava atrás de mulheres. Starbuck fingiu ponderar sobre a questão enquanto se instalava ao lado da fogueira, após o que aquiesceu.

— Andei às gatas, sargento.

— Com quem?

— Um cavalheiro não revela essas coisas.

Truslow resmungou. Era um homem baixo e entroncado de expressão dura que comandava a Companhia K com uma disciplina nascida do medo, embora não se tratasse de receio da violência física por parte de Truslow, mas sim do seu desprezo. A sua aprovação era procurada pelos outros homens, talvez por parecer um mestre no seu mundo brutal muito próprio. Em tempos fora agricultor, ladrão de cavalos, soldado, assassino, pai e marido. Agora era viúvo e, pela segunda vez na vida, soldado, alguém que imbuía o seu ofício de um ódio puro e simples pelos Ianques. Isso era algo que fazia com que a amizade que nutria pelo capitão Nathaniel Starbuck fosse ainda mais misteriosa, já que Starbuck era um ianque.

Starbuck vinha de Boston, sendo o segundo filho do reverendo Elial Starbuck, famoso por fustigar o Sul, temível opositor da escravatura e pregador apaixonado, cujos sermões impressos fizera estremecer as consciências culpadas de todo o mundo cristão. Nathaniel Starbuck estava a caminho de ser, ele próprio, ordenado, quando uma mulher o fizera cair em tentação, afastando-o dos estudos no seminário da Universidade de Yale. Essa mulher abandonara-o em Richmond, onde, demasiado assustado para regressar a casa e enfrentar a terrível fúria do pai, Starbuck acabara por se juntar ao exército dos Estados Confederados da América.

— Foi aquela cabra de cabelo amarelo? — quis saber Truslow. — Aquela que conhecestes no encontro de oração, depois do serviço?

— Ela não é uma cabra, sargento — replicou Starbuck com uma dignidade sofrida. Truslow respondeu cuspiendo para o lume e Starbuck abanou a cabeça, com tristeza. — Nunca procurou o conforto de uma companhia feminina, sargento?

— Quando me comportava como um gato selvagem, queres tu dizer? É claro que sim, mas tirei isso do sistema antes de ter barba. — Truslow fez uma pausa, talvez a pensar na esposa, que jazia na sua cova solitária, nas montanhas. — Então e onde é que a cabra amarela tem o marido?

Starbuck bocejou.

— Está com as forças do Magruder, em Yorktown. É major da artilharia.

Foi a vez de Truslow abanar a cabeça.

— Um dia destes vais ser apanhado e arrancam-te as tripas à pancada.

— Isso é café?

— Segundo dizem. — Truslow serviu uma caneca do líquido espesso e doce ao seu capitão. — Dormiste alguma coisa?

— Dormir não era o objetivo do serão.

— És tal e qual todos os filhos de pregadores, não és? Basta dar-te o cheiro a pecado e vais logo chafurdar-te nele, como um porco na lama. — A voz de Truslow deixava transparecer toda a sua desaprovação, não por



antipatizar com mulhereiros, mas por saber que a sua própria filha contribuíra para a educação de Starbuck. Afastada do pai, Sally Truslow era agora uma prostituta em Richmond. O facto era fonte de grande vergonha para Truslow, e mesmo sentindo-se desconfortável por saber que Starbuck e Sally tinham sido amantes, também via nessa amizade a única hipótese de salvação da filha. A vida, por vezes, parecia bastante complicada, mesmo para um homem tão prosaico como Thomas Truslow. — Então e o que é que aconteceu a todas as leituras que fizeste da Bíblia? — perguntou ao oficial, referindo-se às tentativas pouco empenhadas de regresso a uma vida piedosa que Starbuck ainda encetava de vez em quando.

— Sou um apóstata, sargento — atirou Starbuck prontamente, embora, a bem da verdade, a sua consciência não estivesse tão tranquila como o sugerido pelo tom superficial. Atormentado pelo receio do Inferno, por vezes sentia-se tão encurralado no pecado que imaginava nunca vir a ser capaz de obter o perdão de Deus. Nesses momentos agonizava com os remorsos, mas chegado à noite dava consigo impelido de volta àquilo que o tentava.

Recostou-se contra o tronco de uma macieira e deu um gole de café. Starbuck era alto e magro, endurecido por uma campanha militar, e tinha cabelo comprido que emoldurava o rosto angular e escanhado. Quando a Legião entrava a marchar numa vila, ou numa aldeia novas, Truslow reparava como as raparigas olhavam para Starbuck, sempre para Starbuck. Tal como a sua própria filha se sentira atraída pelo nortista alto, com os seus olhos cinzentos e sorriso fácil. Manter Starbuck afastado do pecado, refletiu o sargento, era como manter um cão afastado do talho.

— A que horas é o despertar? — indagou Starbuck.

— A qualquer momento.

— Santo Deus — gemeu Starbuck.

— Devias ter voltado mais cedo — comentou Truslow. Deitou uma cavaca para a pequena fogueira. — Disseste à cabra de cabelo amarelo que estamos de partida?

— Decidi não lhe contar. A despedida é um tormento tão doce.

— Cobarde — atirou-lhe Truslow.

Starbuck pensou na acusação e depois sorriu.

— Tem razão. Sou um cobarde. Detesto quando elas começam a chorar.

— Então não lhes dê motivos para chorar — sugeriu Truslow, sabendo que era como pedir ao vento que não soprasse. Além do mais, os soldados faziam sempre as suas amadas chorar; era esse o destino dos soldados. Chegavam, conquistavam e depois partiam. Naquela manhã seria a Legião Faulconer a partir de Leesburg. Nos últimos três meses, o regimento fizera parte da brigada acampada perto de Leesburg e guardara uma extensão de trinta quilómetros do rio Potomac, mas o inimigo não mostrara sinais de



querer atravessar. Agora, à medida que o outono se aproximava do inverno, cada vez mais se falava de um derradeiro ataque ianque a Richmond, antes que o gelo e a neve imobilizassem os exércitos, pelo que a brigada estava a ser enfraquecida. A Legião dirigir-se-ia a Centreville, onde o grosso do exército confederado defendia a principal estrada entre Washington e a capital rebelde. Fora nessa estrada, três meses antes, em Manassas, que a Legião Faulconer ajudara a cortar as pernas à primeira invasão do Norte. Agora, se os boatos tivessem algum fundamento, a Legião poderia ter de repetir o trabalho.

— Mas não vai ser a mesma coisa. — Truslow apercebera-se do pensamento não proferido. — Ouvi dizer que Centreville já só tem fortificações. Por isso, se os ianques aparecerem, vamos rechaçá-los protegidos por umas belas paredes bem grossas. — Calou-se ao ver que Starbuck adormecera, de boca aberta e café derramado. — Sacana — resmungou Truslow, mas com um tom de afeição, pois Starbuck, mesmo incapaz de resistir a um rabo de saias, revelara-se um oficial espantoso. Graças a uma mistura de recruta incansável e de treinos imaginativos, fizera da Companhia K a melhor da Legião. Fora Starbuck que, ao ver negada a pólvora e as balas necessárias para treinar a pontaria dos seus homens, levara uma patrulha até à outra margem do rio e capturara um vagão de suprimentos da União, na estrada junto a Poolesville. Nessa noite tinham trazido três mil cartuchos, e uma semana depois partira mais uma vez e apoderara-se de dez sacas de saboroso café nortista. Truslow, que conhecia bem o mister de soldado, reconhecia que Starbuck tinha um dom instintivo e natural. Era um guerreiro inteligente, capaz de ler a mente de um inimigo, e os homens da Companhia K, na sua maioria apenas rapazes, pareciam reconhecer essa qualidade. Truslow sabia que Starbuck era bom.

O adejar de asas fez Truslow levantar o olhar, vendo a forma atarracada de uma coruja a passar à frente da Lua. Imaginou que a ave tivesse estado a caçar nos campos junto à povoação, estando agora a regressar ao ninho no arvoredo acima do rio, em Ball's Bluff.

Um corneteiro falhou a nota, respirou fundo e sobressaltou a noite com o toque. Starbuck acordou estremunhado, praguejou por ter a perna das calças ensopada com café e depois gemeu com o cansaço. A noite ainda estava cerrada, mas a Legião tinha de se preparar para deixar a calma vigia do rio e avançar para a guerra.

— Aquilo foi um clarim? — perguntou o tenente Wendell Holmes ao seu sargento religioso.

— Não o sei dizer, meu tenente. — O sargento arfava enquanto subia

Ball's Bluff e tinha a nova casaca cinzenta aberta, revelando o elegante forro escarlate. As casacas tinham sido uma oferta do governador do Massachusetts, que estava determinado a que os regimentos de Bay State fossem dos mais bem equipados de todo o exército federal. — Deve ter sido um dos nossos corneteiros — alvitrou o sargento. — Talvez estivesse a dar ordem de saída aos escaramuceiros?

Holmes imaginou que o sargento estivesse correto. Os dois homens subiam com esforço o carreiro sinuoso e íngreme que dava acesso ao cimo da falésia, onde aguardava o 15º do Massachusetts. A encosta não era inclinada a ponto de obrigar quem subisse a usar as mãos, mas, no escuro, muitos homens escorregaram, parando apenas ao bater dolorosamente num tronco de árvore. O rio lá em baixo continuava oculto pela neblina, no meio da qual se vislumbrava a sombra escura da Ilha Harrison. Os soldados enchiam a ilha enquanto esperavam pelos dois pequenos barcos que transportavam as tropas sobre a última extensão de rio. O tenente Holmes ficara surpreendido com a força da corrente do rio, a qual tentara arrastar a embarcação a caminho da distante Washington. Os remadores tinham gemido com o esforço de lutar contra o rio, até que por fim encalharam o pequeno barco na margem lamacenta.

O coronel Lee, comandante do 20º do Massachusetts, chegou junto a Holmes no topo da falésia.

— O Sol está quase a nascer — comentou alegremente. — Está tudo bem, Wendell?

— Está tudo bem, meu coronel, salvo pelo facto de ter tanta fome que era capaz de comer um cavalo.

— Vamos tomar o pequeno-almoço em Leesburg — declarou o coronel com entusiasmo. — Presunto, ovos, broa e café. Manteiga sulista fresca! Um banquete. E de certeza que os habitantes nos vão tentar garantir que não são rebeldes de todo, mas sim cidadãos leais do Tio Sam. — O coronel virou-se abruptamente, sobressaltado com um grito que ecoou de forma ritmada e desagradável entre as árvores no topo da falésia. O barulho tenebroso fizera com que os soldados mais próximos dessem meia-volta, alarmados, com as espingardas em riste. — Tenham calma! — descansou-os o coronel. — É só uma coruja. — Reconhecera o grito de uma coruja-barrada e imaginou que a ave estivesse de volta a casa, depois de uma noite de caça, com o papo cheio de ratos e rãs. — Prossiga, Wendell. — Lee dirigiu-se outra vez a Holmes. — Vá por esse carreiro até encontrar a companhia do flanco esquerdo do 15º. Pare aí e espere por mim.

O tenente Holmes levou a companhia por trás dos elementos agachados do 15º do Massachusetts, parando junto à linha de árvores iluminada pelo luar. À frente deles estava agora um pequeno prado, salpicado com

as sombras negras de pequenos arbustos e de alfarrobeiras, além do qual se erguia mais um renque sombrio de árvores. Fora mais ou menos aí, na noite anterior, que a patrulha relatara ter visto um acampamento inimigo, e Holmes imaginou que homens assustados poderiam facilmente ter confundido o padrão do luar e das sombras escuras no bosque distante com a forma de tendas.

— Avançar! — O coronel Devens, do 15º do Massachusetts bradou a ordem e os seus homens entraram no prado branqueado pelo luar. Ninguém disparou contra eles; ninguém os intimou. O Sul dormia enquanto o Norte, desimpedido, ia marchando.

O Sol nasceu, dando uma tonalidade dourada ao rio e lançando raios escarlates por entre as árvores enevoadas. Ouviu-se o cacarejar dos galos nos cercados de Leesburg, onde se enchiam selhas e as vacas apareciam para a primeira ordenha do dia. As oficinas que tinham estado fechadas no dia do Senhor foram destrancadas e as ferramentas recolhidas das bancadas. Nos arredores da povoação, nos acampamentos da brigada confederada que guardava o rio, o fumo das fogueiras vagueava pela fresca manhã de outono.

Os fogos da Legião Faulconer já se tinham apagado, embora a Legião não estivesse com grande pressa para abandonar o acampamento. O dia prometia vir a ser bonito e a marcha até Centreville relativamente curta, pelo que as oito centenas de soldados do regimento demoraram o seu tempo com os preparativos, e o major Thaddeus Bird, comandante do regimento, não tentou apressá-los. Em vez disso perambulou, num gesto de camaradagem, por entre os seus homens, qual vizinho simpático a desfrutar de um passeio matinal.

— Meu Deus, Starbuck. — Bird deteve-se, espantado, ao ver o capitão da Companhia K. — Mas o que te aconteceu?

— Dormi mal, meu major, só isso.

— Pareces um morto-vivo! — Bird riu-se, deliciado, ao pensar no desconforto de Starbuck. — Alguma vez te contei sobre o Mordechai Moore? Era um estucador de Faulconer Court House. Morreu certa quinta-feira, a viúva gastou os olhos de tanto chorar, os filhos berravam como gatos escaldados, o funeral foi realizado no sábado, com metade da vila de luto, cova aberta, o reverendo Moss pronto para nos aborrecer de morte com as inanidades dele, e depois ouviram raspar na tampa do caixão. Abriram-na e lá estava ele! Um estucador muito confuso! Tão vivo como tu, ou eu. Pelo menos como eu. Mas estava parecido contigo. Muito parecido contigo, Nate. Parecia meio apodrecido.

— Muito obrigado — redarguiu Starbuck.

— Foram todos para casa — prosseguiu Bird com a narrativa. — O doutor Billy fez um exame ao Mordechai. Declarou-o pronto para aguentar mais dez anos, e então não é que ele me morreu outra vez no dia a seguir? Só que desta vez finou-se mesmo e eles tiveram de abrir outra vez a cova. Bom-dia, sargento.

— Major — resmungou Truslow. O sargento não era conhecido pelo tratamento formal dos oficiais por “senhor”, nem sequer para com Bird, comandante do regimento, e de quem Truslow gostava.

— Imagino que se lembre do Mordechai Moore, Truslow.

— Lembro, pois. O sacana era incapaz de estucar uma parede em condições. O meu pai e eu tivemos de refazer metade da casa Cotton. Nunca nos pagaram o serviço.

— Portanto, o ramo da construção civil terá ficado melhor com ele morto — comentou Bird alegremente. Pica-pau Bird era um homem alto e esquelético que trabalhava como mestre-escola na povoação de Faulconer Court House na altura em que o coronel Washington Faulconer, o maior latifundiário de Faulconer County e cunhado de Bird, criara a Legião. Faulconer, que fora ferido em Manassas, encontrava-se agora em Richmond, tendo deixado o regimento às ordens de Bird. O mestre-escola fora, quase garantidamente, o homem com menor pendor militar em Faulconer County, se não mesmo em toda a Virgínia, tendo sido elevado a major apenas para agradecer à irmã e para tratar da papelada do coronel. Contudo, indo contra todas as expectativas, o mestre-escola nodoso revelara-se um oficial eficaz e popular. Os homens gostavam dele, talvez por se aperceberem da sua grande compaixão por tudo o que a humanidade tinha de mais falível. Bird tocou no cotovelo de Starbuck. — Uma palavrinha? — sugeriu, afastando o jovem da Companhia K.

Starbuck acompanhou Bird até ao prado marcado com as pálidas formas redondas que indicavam o ponto onde as poucas tendas do regimento tinham sido montadas. Entre os círculos esbranquiçados viam-se porções chamuscadas mais pequenas onde tinham ardido as fogueiras. Além dessas manchas observavam-se os grandes contornos de erva rasa onde os cavalos dos oficiais tinham pastado até ao limite das cordas que os prendiam. A Legião podia deixar aquele campo, meditou Starbuck, mas durante os dias vindouros, exibiria tais provas da sua existência.

— Já te decidiste, Nate? — perguntou Bird. Gostava de Starbuck e a voz denotava essa afeição. Ofereceu ao jovem um charuto escuro e reles, serviu-se de outro e acendeu um fósforo para incendiar o tabaco.

— Vou ficar com o regimento, meu major — respondeu Starbuck quando o charuto começou a fumegar.

— Esperava que assim fosse — admitiu Bird. — Mas mesmo assim... — Deixou o pensamento no ar. Deu um bafo no charuto e olhou na direção de Leesburg. Sobre a povoação tremeluzia um véu ténue de fumo matinal. — O dia vai estar bonito — declarou o major. Ouviu-se o estampido de um disparo longínquo, mas nem Bird nem Starbuck prestaram grande atenção ao som. Era rara a manhã em que os homens não andassem a caçar.

— E não sabemos se o Coronel vai assumir o comando da Legião, não é verdade, meu major? — indagou Starbuck.

— Não sabemos de nada — asseverou Bird. — Os soldados, quais crianças, vivem num estado natural de ignorância voluntariosa. Mas é um risco.

— Está a correr o mesmo risco — afirmou Starbuck, sem rodeios.

— A tua irmã não está casada com o Coronel — retorquiu Bird, com igual clareza —, o que te torna muito mais vulnerável do que eu, Nate. E deixa-me recordar-te, Nate, que prestaste a este mundo o insigne serviço de assassinar o futuro genro do Coronel e, mesmo que todos os anjos do Paraíso se tivessem regozijado com tal ação, duvido que o Faulconer te tenha perdoado.

— É verdade, meu major — replicou Starbuck, num tom átono. Não gostava que o recordassem da morte de Ethan Ridley. Starbuck matara Ridley na confusão da batalha e desde então tentara convencer-se de que fora em defesa própria. Todavia, no seu íntimo sabia que pensava em homicídio quando pressionara o gatilho e também tinha consciência de que não havia racionalização que eliminasse tal pecado do grande registo no Céu onde estavam inscritas todas as suas falhas. De certeza que o Coronel Washington Faulconer nunca perdoaria Starbuck. — Mesmo assim prefiro ficar com o regimento — garantiu Starbuck a Bird. Era um estranho numa terra estranha, um nortista a lutar contra o Norte, e a Legião Faulconer tornara-se o seu novo lar. A Legião dava-lhe de comer, vestia-o e oferecera-lhe amigos próximos. Fora igualmente o local onde descobrira o que sabia fazer melhor e, com a ansiedade da juventude em descobrir o objetivo último da vida, Starbuck decidira que estava destinado a ser um dos oficiais da Legião. Tinha a sensação de pertença.

— Nesse caso, boa sorte para nós — comentou Bird. Se as suas suspeitas se confirmassem e a ordem para marchar até Centreville fizesse parte da tentativa por parte do Coronel Washington Faulconer de recuperar o controlo da Legião, ambos iam precisar de sorte.

Afinal de contas, Washington Faulconer era o homem que criara a Legião Faulconer, batizara-a com o seu próprio nome, equipara-a com o melhor material que a sua fortuna pessoal fora capaz de comprar e depois liderara-a até à batalha nas margens do Bull Run. Faulconer e o filho, ambos

feridos nessa batalha, tinham voltado a Richmond, onde foram recebidos como heróis, embora, a bem da verdade, Washington Faulconer estivesse bem longe da Legião quando esta enfrentara o ataque ianque esmagador. Agora era demasiado tarde para esclarecer o acontecido: a Virgínia, com efeito, todo o Sul superior, olhava para Faulconer como sendo um herói e exigia que ele recebesse o comando de uma brigada. Bird sabia que caso isso acontecesse, o herói esperaria que a sua Legião constituísse o âmago dessa brigada.

— Mas não é garantido que o sacana vá ter uma brigada, pois não? — quis saber Starbuck, tentando em vão reprimir um bocejo profundo.

— Diz-se por aí que em vez disso vai ser proposto a um cargo diplomático — adiantou Bird —, o que seria bastante adequado, já que o meu cunhado tem o dom natural de ser bom a lamber as botas de príncipes e de potentados, e os políticos costumam conceder aquilo que os jornais querem. É mais fácil do que ter ideias próprias, bem vêes.

— Vou correr o risco — asseverou Starbuck. A alternativa seria juntar-se ao estado-maior do general Nathan Evans e ficar no campo perto de Leesburg onde Evans comandava a brigada confederada improvisada que guardava a margem do rio. Starbuck gostava de Evans, mas preferia de longe permanecer com a Legião. Para ele, a Legião era o seu lar e não era capaz de imaginar que as altas esferas confederadas fizessem de Washington Faulconer um general.

Um novo matraquear de espingardas fez-se ouvir vindo da mata cinco quilómetros a noroeste. O som levou Bird a virar-se, de cenho franzido.

— Alguém está com muita energia. — Soava reprovador.

— Uma alteração entre piquetes? — aventou Starbuck. Ao longo dos últimos três meses, as sentinelas tinham-se defrontado em margens opostas, e embora as relações fossem de cordialidade na maior parte do tempo, de vez em quando, um oficial mais acirrado tentava provocar um confronto.

— Talvez sejam só piquetes — concordou Pica-pau Bird, após o que se virou, quando o sargento-mor Proctor veio relatar que o eixo partido de uma carroça, que atrasara a partida da Legião, já estava reparado. — Isso quer dizer que estamos prontos para partir, sargento-mor? — perguntou Bird.

— Tão prontos quanto poderemos estar, creio eu. — Proctor era um homem lúgubre e desconfiado, sempre a recear a iminência de um desastre.

— Então partamos! Partamos! — declarou Bird alegremente e dirigia-se à Legião quando se ouviu mais uma salva de tiros. Desta vez, contudo, os disparos não vinham da mata longínqua, mas sim da estrada a leste. Bird engalfinhou os dedos magros na barba comprida e revolta. — Poderá ser? — questionou, sem se dirigir a ninguém em especial e sem se preocupar

em articular claramente a pergunta. — Talvez? — prosseguiu Bird, com um tom de entusiasmo crescente, após o que um novo crepitar de mosquetaria ecoou nas falésias a noroeste, fazendo com que Bird agitasse a cabeça para a frente e para trás, naquele que era o seu gesto habitual de quando estava divertido. — Acho que vamos esperar um pouco, senhor Proctor. Vamos aguardar! — Bird estalou os dedos. — Parece-me — declarou — que hoje Deus e o senhor Lincoln nos enviaram outro trabalho. Vamos aguardar.

As tropas do Massachusetts que avançavam descobriram os rebeldes ao tropeçarem num piquete de quatro homens agachado numa depressão na mata. Os rebeldes sobressaltados foram os primeiros a disparar, obrigando os soldados do Massachusetts a recuar à toa por entre as árvores. O piquete confederado fugiu na direção oposta, em busca do comandante da companhia, o capitão Duff, que começou por enviar uma mensagem ao general Evans e depois liderou os quarenta homens da companhia até ao bosque no cimo da falésia, onde um grupo de escaramuceiros ianques começava a aparecer junto à linha das árvores. Surgiam cada vez mais nortistas, tantos que Duff lhes perdeu a conta.

— Os sacanas são muitos — comentou um dos homens enquanto o capitão Duff alinhava os homens atrás de uma vedação baixa e lhes ordenava que disparassem. Pequenas nuvens de fumo marcaram a linha da vedação enquanto as balas assobiavam encosta acima. Três quilómetros atrás de Duff, a povoação de Leesburg ouviu os disparos e alguém pensou em correr até à igreja e fazer soar o sino para convocar a milícia.

Não que a milícia se pudesse organizar a tempo de ajudar o capitão Duff, que começava a perceber até que ponto os soldados do Mississippi estavam em desvantagem numérica. Foi obrigado a retirar encosta abaixo quando uma companhia de soldados nortistas lhe ameaçou o flanco esquerdo, tendo a fuga sido recebida pela troça dos nortistas e por uma salva de mosquete. Os quarenta homens de Duff continuaram teimosamente a disparar enquanto recuavam. Eram uma companhia basicamente improvisada, fardada com uma mistura aleatória de roupas castanhas e cinzentas, mas tinham uma pontaria bastante melhor do que a dos rivais do Norte, na sua maioria armados com mosquetes de alma lisa. O Massachusetts esforçara-se ao máximo por equipar os seus voluntários, mas não houvera espingardas suficientes para todos, pelo que o regimento do 15º do Massachusetts do coronel Devens combatia com mosquetes setecentistas. Nenhum dos homens de Duff foi atingido, mas as suas balas estavam a abater sistematicamente os escaramuceiros nortistas.

O 20º do Massachusetts chegou em apoio dos camaradas do Bay Sta-



te. Todos os elementos do 20º tinham espingardas e os seus disparos mais precisos obrigaram Duff a recuar ainda mais para baixo na longa encosta. Os quarenta homens saltaram outra vedação para um campo de restolho, onde medas de aveia estavam dispostas em montes. Não havia mais abrigo ao longo de quase um quilómetro e Duff não pretendia ceder muito terreno aos ianques, pelo que mandou os homens fazerem alto no meio do campo e ordenou-lhes que fizessem estacar os sacanas. Os soldados de Duff eram muito poucos, mas vinham dos condados de Pike e de Chickasaw, pelo que Duff imaginou que isso fizesse deles tão bons soldados como quaisquer outros da América.

— Parece que vamos ter de ensinar uma lição a este bando de pretos imprestáveis — exclamou Duff.

— Não, capitão! São rebeldes! Olhe! — alertou um dos homens com um grito, apontando depois para a linha das árvores, onde surgira uma companhia de tropas de farda cinzenta. Duff fitou-os, horrorizado. Teria estado a disparar contra os seus camaradas? Os homens que iam avançando usavam sobretudo cinzentos. O oficial que os liderava tinha o casaco aberto e empunhava uma espada que usava para cortar as ervas enquanto andava, tal como se estivesse a dar um passeio pelo campo.

Duff sentiu as convicções beligerantes a desvanecerem-se. Tinha a boca seca, um azedume na boca do estômago e na coxa, um músculo ia latejando. Os disparos na encosta tinham parado enquanto a companhia de cinzento marchava em direção ao campo de aveia. Duff levantou a mão e gritou aos forasteiros.

— Quem vem lá faz alto!

— Amigos! — respondeu um dos homens de sobretudo cinzento. A companhia tinha sessenta ou setenta homens e as espingardas estavam caladas com baionetas compridas e brilhantes.

— Quem vem lá faz alto! — voltou Duff a tentar.

— Somos amigos! — gritou um homem em resposta. Duff podia ver o nervosismo nas expressões. Um dos homens tinha um músculo a tremer na face, enquanto outro ia olhando de lado para um sargento de bigode que marchava estoicamente no flanco da companhia.

— Quem vem lá faz alto! — repetiu Duff. Um dos seus homens cuspiu para o restolho.

— Somos amigos! — voltaram a gritar os nortistas. O sobretudo aberto do oficial estava forrado a escarlate, mas Duff não conseguia distinguir a cor da farda, pois o sol brilhava pelas costas dos estranhos.

— Não são nossos amigos, capitão! — alertou um dos homens de Duff. Este bem gostava de partilhar dessa certeza. Deus no Seu Céu, e se aqueles homens fossem aliados? Estaria prestes a tornar-se um assassino?



— Ordeno a quem vem lá que faça alto! — vociferou, mas os homens que avançavam não obedeceram, pelo que Duff ordenou aos seus soldados que apontassem.

Quarenta espingardas foram levadas a quarenta ombros.

— Amigos! — tornou uma voz nortista. As duas unidades estavam agora a cinquenta metros uma da outra e Duff ouvia as botas nortistas a quebrar e a agitar o restolho da aveia.

— Eles não são amigos, capitão! — insistiu um dos soldados do Mississippi e nesse momento, o oficial a avançar tropeçou, dando a Duff um vislumbre claro da farda por baixo do sobretudo cinzento forrado a escarlate. A farda era azul.

— Fogo! — bradou Duff, e a salva sulista fez-se ouvir com o estrépito de um incêndio num canavial, fazendo um nortista gritar quando as balas rebeldes acertaram no alvo.

— Fogo! — repetiu um nortista e as balas do Massachusetts rasgaram a nuvem de fumo.

— Continuem a disparar! — vociferou Duff, esvaziando o revólver contra a névoa de fumo de pólvora que já encobria o campo. Os homens tinham-se abrigado atrás dos fardos de aveia e iam recarregando as armas. Os nortistas faziam o mesmo, salvo por um homem que se contorcia e esvaía no chão. Havia outros ianques à direita de Duff, mais acima na encosta, mas não podia preocupar-se com eles. Decidira assumir aquela posição, mesmo no meio do campo, e agora teria de combater o inimigo até que um dos lados não aguentasse mais.

A dez quilómetros dali, em Edwards Ferry, mais nortistas tinham atravessado o Potomac e cortado a estrada que dava acesso a Centreville. Nathan Evans, apanhado entre as duas forças invasoras, recusou-se a mostrar sinais de alarme antecipado.

— Uma delas pode estar a tentar enganar-me, enquanto a outra se prepara para me violentar, não é assim que se faz, Boston? — “Boston” era a alcunha que atribuíra a Starbuck. Tinham-se conhecido em Manassas, onde Evans salvara a Confederação travando o ataque nortista enquanto as linhas rebeldes voltavam a formar-se. — Sacanas mentirosos, beatos, amantes de pretos — exclamou Evans, dirigindo-se, obviamente, a todo o exército do Norte. Cavalgara com ordens para que a Legião Faulconer se mantivesse onde estava, acabando por descobrir que Thaddeus Bird antecipa as indicações e cancelara a partida da Legião. Evans meneou a orelha contra o vento e tentou avaliar qual a incursão inimiga que maior perigo representava através da intensidade dos disparos. O sino da igreja de Leesburg continuava a repicar, convocando a milícia. — Quer dizer que não vai ficar comigo, Boston? — comentou Evans.

— Gosto de ser oficial de companhia, meu general.

Evans resmungou em resposta, embora Starbuck não tivesse a certeza que o diminuto e desbocado oficial da Carolina do Sul tivesse ouvido a sua resposta. Em vez disso, Evans dividia a atenção entre os sons das duas incursões nortistas. Otto, o seu ordenança alemão, cuja principal tarefa era transportar um barril de uísque com que o general se refrescava, também escutava os tiros, pelo que a cabeça dos dois homens agitava-se em unísono de um lado para o outro. Evans foi o primeiro a parar e estalou os dedos para que lhe fosse dado uísque. Esvaziou a caneca de estanho e depois olhou para Bird.

— Fique aqui, Pica-pau. Vai ser a minha reserva. Não me parece que os sacanas sejam assim tantos, não fazem barulho suficiente, portanto mais vale esperar para ver se não lhes partimos o nariz. Matar ianques é uma bela maneira de começar a semana, não acham? — Riu-se. — Claro que se estiver errado, ao cair da noite estaremos todos mortos. Vamos embora. Otto! — Evans esporeou o cavalo e regressou a galope ao forte de paredes de terra que constituía o seu quartel-general.

Starbuck trepou para uma carroça carregada com tendas dobradas e dormiu enquanto o sol dissipava a neblina do rio e secava o orvalho dos campos. Ainda mais tropas nortistas cruzavam o rio e subiam a falésia por baixo das árvores. O general Stone, comandante das forças federais que guardavam o Potomac, decidira empregar mais tropas na travessia e ordenou que os invasores deveriam não só ocupar Leesburg, como também fazer o reconhecimento de toda a zona de Loudoun County. Se os rebeldes tivessem desaparecido, as ordens de Stone eram para que os ianques ocupassem a área. Contudo, se o reconhecimento deparasse com uma oposição feroz, as tropas federais tinham a liberdade de retirar para o outro lado do rio, levando com elas todos os alimentos que pudessem confiscar. Stone enviou artilharia para fortalecer as tropas invasoras, mas também deixou bem claro que a decisão de permanecer na Virgínia ficaria nas mãos do indivíduo que estava à frente de toda a operação nortista.

Esse homem era o coronel Ned Baker, um político alto e bem escanhado, de cabelo prateado e loquaz. Baker era um advogado californiano, senador do Oregon e um dos amigos mais chegados do presidente Lincoln, tão próximo que Lincoln batizara o segundo filho em honra do senador. Baker era um homem impetuoso, emotivo e generoso, e a chegada à travessia do rio provocou ondas de entusiasmo pelos homens do 15º do Massachusetts, que ainda aguardavam na margem de Maryland com o Regimento Tammany de Nova Iorque. O regimento de Baker, o 1º Californiano, juntava-se agora à invasão. O regimento vinha de Nova Iorque, mas fora criado com homens com ligações à Califórnia, e com eles seguia um

canhão estriado de catorze libras de Rhode Island e um par de morteiros operados por soldados do Exército dos Estados Unidos.

— Levem tudo para o outro lado! — ordenou Baker, exuberante. — Todos os homens e peças!

— Vamos precisar de mais barcos — alertou o coronel dos Tammanys.

— Então arranjem-nos! Construam-nos! Roubem-nos! Vá buscar madeiras resinosas e faça uma arca, coronel. Encontrem uma mulher bela e deixem que o rosto dela lance um milhar de navios, mas avancemos para a glória, rapazes! — Baker percorreu a margem, de ouvido atento ao crepitar entrecortado da mosquetaria que se ouvia na outra margem do rio. — Os rebeldes estão a morrer, rapazes! Vamos matar mais alguns!

O coronel dos Tammanys tentou perguntar ao senador o que o seu regimento deveria fazer ao certo quando chegasse à margem da Virgínia, mas Baker ignorou a pergunta. Não queria saber se seria um mero ataque ou uma invasão histórica a marcar o início da ocupação da Virgínia. Sabia apenas que tinha três peças de artilharia e quatro regimentos de tropas frescas e de qualidade, o que lhe concedia poder suficiente para oferecer ao presidente Lincoln e ao país a vitória de que tanto precisavam.

— Para Richmond, rapazes! — vociferou Baker ao passar por entre as tropas na margem do rio. — Para Richmond, e que o diabo não tenha misericórdia das almas deles! Em frente pela união, rapazes, em frente pela união! Quero ouvi-los a bradar!

Bradaram com força suficiente para obliterar o som de mosquetaria que surgia da margem oposta do rio onde, além da falésia arborizada, o fumo de pólvora pairava entre a aveia em medas, testemunha do início da longa matança desse dia.

O major Adam Faulconer chegou à Legião Faulconer pouco depois do meio-dia.

— Estão ianques na estrada. Perseguram-me! — Parecia satisfeito, como se a cavalgada dos últimos minutos tivesse sido uma corrida pelo campo e não a fuga desesperada de um inimigo determinado. O cavalo, um belo garanhão ruano da Coudelaria Faulconer, estava coberto de espuma branca, tinha as orelhas espetadas nervosamente para trás e dava pequenos passos nervosos para o lado, os quais Adam corrigia instintivamente. — Meu tio! — Cumprimentou alegremente o major Bird e virou-se de imediato para Starbuck. Eram amigos há três anos, mas já tinham passado semanas desde o último encontro e o prazer de Adam com a reunião era sincero. — Até parece que estavas a dormir profundamente, Nate.

— Ontem estive num encontro para oração que durou até tarde — ofereceu o sargento Truslow num tom deliberadamente amargo, mas que ninguém, além dele e de Starbuck, percebeu que estava a fazer uma piada. — Rezou até às três da manhã.

— Que bom para ti, Nate — comentou Adam afavelmente, após o que dirigiu a montada a Thaddeus Bird. — Ouviu o que eu disse, tio? Há ianques na estrada!

— Já tínhamos ouvido dizer que aqui estavam — replicou Bird num tom casual, como se os ianques errantes fossem algo tão habitual na paisagem outonal como as aves migratórias.

— Os desgraçados dispararam contra mim. — Adam parecia espan-

tado com tamanha indelicadeza em tempo de guerra. — Mas fomos mais rápidos, não foi, rapaz? — Afagou o pescoço do cavalo transpirado, depois deslizou da sela e entregou as rédeas a Robert Decker, que fazia parte da companhia de Starbuck. — Vai passeá-lo um pouco, sim, Robert?

— Com todo o prazer, senhor Adam.

— E não o deixes beber ainda. Só quando ele arrefecer — indicou Adam a Decker, passando depois a explicar ao tio que saíra de Centreville pela alvorada, na esperança de se cruzar com a Legião na estrada. — Não os encontrei, por isso segui em frente — narrou Adam com prazer na voz. Andava com um leve coxear, resultado de um ferimento de bala na batalha em Manassas, mas a lesão sarara bem e o problema mal se notava. Ao contrário do pai, Washington Faulconer, Adam estivera no centro dos combates em Manassas, mesmo que durante semanas antes dos confrontos tivesse sido atormentado pela dúvida quanto à moralidade da guerra, chegando mesmo a pôr em causa a sua participação nas hostilidades. Depois da batalha, enquanto convalescia em Richmond, Adam fora promovido a major e tinha-lhe sido atribuído um posto no estado-maior do general Joseph Johnston. O general era um dos muitos confederados erroneamente convencidos de que Washington Faulconer ajudara a rechaçar o ataque-surpresa nortista em Manassas, pelo que a promoção e a nomeação do filho para o estado-maior fora um gesto de gratidão para com o pai.

— Trouxeste-nos ordens? — perguntou Bird a Adam.

— Só a minha pessoa, meu tio. O dia parecia querer ficar demasiado bonito para estar mergulhado na papelada do Johnston, por isso decidi dar um passeio. Claro que não contava deparar-me com isto. — Adam virou-se e ouviu o som dos disparos que vinham da mata distante. Os tiros eram agora basicamente constantes, mas de todo como o estrépito da batalha. Em vez disso criavam um som metódico e regular que sugeria que os dois lados estavam apenas a trocar munições por ser isso que se esperava deles, e não a tentar massacrar o adversário. — O que se passa? — quis saber Adam.

O major Thaddeus Bird explicou que dois grupos de ianques tinham atravessado o rio. Adam já encontrara um dos bandos invasores, enquanto o outro estava no terreno elevado ao largo da Ilha Harrison. Ninguém sabia ao certo qual a intenção dos ianques com a incursão dupla. Ao início parecera que estavam a tentar capturar Leesburg, mas uma única companhia de soldados do Mississippi contivera o avanço federal.

— Um homem chamado Duff — contou Bird a Adam — deteve os tratantes. Alinhou os homens mesmo no meio de um campo e mostrou-se sempre à altura. E raios me partam se não os meteu a correr monte acima como um rebanho de ovelhas assustadas! — A história da coragem de Duff espalhara-se pela brigada de Evans e enchera os soldados de orgulho pela

invencibilidade do Sul. O resto do batalhão de Duff estava agora em posição, mantendo os ianques imobilizados entre as árvores no cimo da falésia. — Devias contar ao Johnston sobre o Duff — sugeriu Bird a Adam.

Adam, no entanto, não parecia interessado no heroísmo do oficial do Mississippi.

— E o senhor, meu tio, o que está a fazer? — questionou.

— Estou à espera de ordens, é claro. Imagino que o Evans não deve saber para onde nos enviar, por isso quer ver qual o bando de ianques que será mais perigoso. Assim que isso for determinado, vamos abrir umas quantas cabeças.

Adam sentiu um arrepio ao ouvir o tom do tio. Antes de se ter juntado à Legião e de inesperadamente se ter tornado seu comandante, Thaddeus Bird fora um mestre-escola que exibia um desprezo sardónico tanto pelo mister de soldado como pela guerra. Todavia, uma batalha e alguns meses de comando tinham transformado o tio de Adam num homem mais sombrio. Mantinha o espírito acutilante, mas agora com contornos mais duros, prova, imaginava Adam, de como a guerra mudava tudo para pior, embora por vezes Adam se interrogasse se seria o único a ter consciência de que a guerra endurecia e degradava tudo aquilo em que tocava. Os camaradas ajudantes-de-campo no quartel-general do exército deleitavam-se com o conflito, vendo nele qualquer coisa afim de uma rivalidade desportiva que daria a vitória aos jogadores mais dedicados. Adam escutava tais alarvidades sem as comentar, pois sabia que se revelasse as suas opiniões, seria, no mínimo, ridicularizado, podendo mesmo ser acusado de cobardia. Mas Adam não era, de todo, um cobarde. Acreditava, simplesmente, que a guerra era uma tragédia nascida do orgulho e da estupidez, pelo que cumpria o seu dever, ocultava o que na verdade sentia e ansiava pela paz, embora não soubesse até que ponto seria capaz de manter tanto o simulacro como a duplicidade.

— Espero que hoje não seja preciso abrir a cabeça de ninguém — admitiu ao tio. — O dia está demasiado bonito para mortes. — Virou-se quando os cozinheiros da Companhia K retiraram um caldeirão das chamas. — Aquilo é o almoço?

A refeição do meio-dia era uma iguaria: uma fritada de carne de vaca, toucinho e broa de milho, acompanhada por puré de maçã e de batata. A comida era abundante ali em Loudoun County, onde os terrenos agrícolas eram férteis e as tropas confederadas escassas. Em Centreville e Manassas, disse Adam, os suprimentos eram muito mais difíceis de encontrar.

— No mês passado chegaram a ficar sem café! Pensei que fosse haver um motim. — Depois escutou, com uma falsa diversão, Robert Decker e Amos Tunney a descrever o grande ataque do capitão Starbuck ao café. Tinha cruzado o rio de noite e marchado oito quilómetros através de mata

e terrenos agrícolas para pilhar as reservas de um vivandeiro nos arredores de um acampamento nortista. Oito homens tinham acompanhado Starbuck e os mesmos oito regressaram, tendo o único nortista a detetá-los sido o próprio vivandeiro, um mercador que ganhava a vida a vender artigos de luxo aos soldados. O vivandeiro, que dormia entre os seus bens, gritara o alarme e sacara de um revólver.

— Coitado do homem — lamentou Adam.

— Coitado do homem? — Starbuck criticou a exibição de piedade por parte do amigo. — Ele estava a tentar matar-nos!

— Então e o que fizeste?

— Cortei-lhe o pescoço — respondeu Starbuck. — Não queria que ele alertasse o acampamento com um tiro, bem vê.

Adam arrepiou-se.

— Mataste um homem por alguns grãos de café?

— E por uísque e pêssegos secos — acrescentou Robert Decker com entusiasmo. — Os jornais da zona pensaram que foram simpatizantes dos separatistas. Chamaram-nos salteadores. Salteadores! A nós!

— E no dia seguinte vendemos cinco quilos de café a uns piquetes nortistas do outro lado do rio! — interveio Amos Tunney, cheio de orgulho.

Adam esboçou um sorriso e depois recusou uma caneca de café que lhe ofereceram, dizendo que preferia água. Estava sentado no chão e fez um breve esgar quando mudou o peso para a perna ferida. Tinha as feições largas, a barba loura e os olhos azuis do pai. Starbuck sempre pensara que era um rosto de honestidade simples, mesmo que agora parecesse que Adam perdera o antigo sentido de humor, tendo-o substituído por uma eterna preocupação com os problemas do mundo.

Depois da refeição, os dois amigos caminharam em direção a leste, ao longo da beira do prado. Os abrigos de madeira e terra da Legião continuavam de pé, parecendo pocilgas cobertas de erva. Starbuck, que fingia ouvir as narrativas do amigo sobre a vida no quartel-general, pensava, na verdade, no quanto gostara de viver no seu abrigo coberto de terra. Quando deitado, sentia-se como um animal numa toca: seguro, escondido e secreto. O seu antigo quarto em Boston, com os painéis de carvalho, o soalho de pinho, a lareira a gás e as estantes solenes, parecia agora um sonho, algo de uma vida diferente.

— É estranho o quanto gosto de estar desconfortável — comentou, levemente.

— Não ouviste o que eu disse? — quis saber Adam.

— Desculpa, estava a sonhar acordado.

— Estava a falar sobre o McClellan — explicou Adam. — Todos concordam que ele é um génio. Até o Johnston diz que o McClellan era o homem

mais inteligente de todo o antigo exército dos Estados Unidos. — Adam falava com entusiasmo, como se McClellan fosse o novo comandante sulista e não o líder do exército nortista do Potomac. Adam olhou para a direita, incomodado com o súbito aumentar do som de mosquetaria que vinha da mata acima do rio distante. Na última hora, os disparos tinham sido espaçados, mas agora assumiam um crepitar contínuo que parecia madeira seca a arder com intensidade. O som fez-se ouvir durante meio minuto, até que voltou a reduzir-se a um murmúrio estável e quase monótono. — Em breve têm de voltar a atravessar para o Maryland! — exclamou Adam, zangado, como se estivesse ofendido com a teimosia dos ianques em manter-se naquele lado do rio.

— Fala-me mais sobre o McClellan — pediu Starbuck.

— É o homem do momento — garantiu Adam, com um tom animado. — É uma coisa que acontece na guerra, sabes? Os mais velhos dão início aos combates e depois são afastados pelos mais jovens, com ideias novas. Dizem que o McClellan é o novo Napoleão, Nate, um defensor da ordem e da disciplina! — Adam fez uma pausa, obviamente preocupado com o facto de parecer demasiado embevecido pelo novo general do inimigo. — Cortaste mesmo o pescoço a um homem por causa de café? — perguntou a medo.

— Não foi tão a sangue-frio como o Decker deu a entender — admitiu Starbuck. — Tentei mantê-lo calado sem o magoar. Não o queria matar. — A bem da verdade, Starbuck quase morrera de medo nesse momento, tremendo e em pânico, mas tinha noção de que a segurança dos seus homens dependia do silêncio do vivandeiro.

Adam fez um trejeito de repulsa.

— Não sou capaz de imaginar matar um homem com uma faca.

— Não é algo que me tivesse imaginado a fazer — confessou Starbuck —, mas o Truslow fez-me treinar com alguns porcos das rações, e não é tão difícil como se pensa.

— Deus do Céu. — Adam suspirou debilmente. — Porcos?

— Só os pequenos — esclareceu Starbuck. — Que mesmo assim são extremamente difíceis de matar. O Truslow faz com que pareça fácil, mas também, ele faz com que tudo pareça fácil.

Adam meditou sobre o conceito de treinar as competências de matador como sendo meros rudimentos de um ofício. Parecia trágico.

— Não podias ter só atordoado o desgraçado? — perguntou.

Starbuck deixou-se rir com a questão.

— Tinha de ter a certeza, não é? É claro que tinha! A vida dos meus homens dependia do silêncio dele e temos de zelar pela segurança dos nossos homens. É a primeira regra do ofício.



— Também foi o Truslow que te ensinou isso? — indagou Adam.

— Não. — Starbuck pareceu surpreso com a pergunta. — É uma regra óbvia, não achas?

Adam não disse nada. Em vez disso, pensava, já não pela primeira vez, como ele e Starbuck eram diferentes. Tinham-se conhecido em Harvard, onde pareceram reconhecer no outro as qualidades que sabiam estar ausentes de si próprios. Starbuck era impetuoso e temperamental, enquanto Adam era pensativo e meticuloso; Starbuck era um escravo dos sentimentos, ao passo que Adam se esforçava desesperadamente por obedecer aos ditames severos de uma consciência rigorosa. Contudo, a partir de todas as dissemelhanças, nascera uma amizade que sobrevivera até à tensão que se seguira à batalha em Manassas. O pai de Adam virara-se contra Starbuck em Manassas e Starbuck puxou esse tema delicado perguntando se Adam pensava que o pai viria a ter o comando de uma brigada.

— O Joe gostava que ele ficasse à frente de uma brigada — adiantou Adam, de forma dúbia. “Joe” era Joseph Johnston, comandante dos exércitos confederados na Virgínia. — Mas o presidente não dá muitos ouvidos ao Joe — prosseguiu Adam. — Prefere a opinião da Avó Lee. — O general Robert Lee começara a guerra com uma reputação inflacionada, mas recebera a alcunha “Avó” depois de uma campanha menor mal sucedida na zona oeste da Virgínia.

— E o Lee não quer que o teu pai seja promovido? — perguntou Starbuck.

— Assim ouvi dizer — confirmou Adam. — É óbvio que o Lee acredita que o meu pai deve ir como comissário para a Inglaterra. — Adam sorriu ao pensar nisso. — Algo que a minha mãe considera uma ideia magnífica. Acho que até as maleitas dela desapareceriam se pudesse tomar chá com a rainha.

— Mas o teu pai quer a brigada dele?

Adam assentiu.

— E quer a Legião de volta — acrescentou, sabendo exatamente o motivo para que o amigo tivesse puxado o assunto. — Se a conseguir, vai exigir o teu afastamento, Nate. Acho que continua convencido de que abateste o Ethan. — Adam referia-se à morte do homem que teria casado com a sua irmã.

— O Ethan foi morto por uma granada — insistiu Starbuck.

— O meu pai não vai acreditar nisso — lamentou-se Adam —, e também não se vai deixar convencer.

— Nesse caso espero mesmo que o teu pai vá para Inglaterra tomar chá com a rainha — comentou Starbuck levemente.

— Porque vais mesmo ficar na Legião? — indagou Adam, parecendo surpreso.

— Gosto de aqui estar. Eles gostam de mim — disse Starbuck num tom leve, disfarçando a natureza ardente da sua ligação.

Adam percorreu alguns passos em silêncio enquanto os tiros se faziam ouvir, remotos e distantes como uma escaramuça de uma guerra alheia.

— O teu irmão — exclamou Adam de súbito, após o que se deteve, como se imaginasse que estava a entrar num terreno difícil. — O teu irmão — recomeçou — continua à espera que regresse ao Norte.

— O meu irmão? — Starbuck foi incapaz de ocultar a surpresa. James, o irmão mais velho, fora capturado em Manassas e era agora prisioneiro em Richmond. Starbuck enviara a James ofertas, na forma de livros, mas não pedira uma licença para visitar o irmão. Qualquer confronto com a família seria demasiado difícil. — Estiveste com ele?

— Como parte dos meus deveres, só isso — respondeu Adam e explicou que uma das suas responsabilidades era coligir listas de oficiais capturados a serem trocados entre o Norte e o Sul. — Às vezes visito a prisão de Richmond — continuou Adam — e na semana passada vi o James.

— Como está ele?

— Magro, muito pálido, mas com esperança de ser libertado numa troca.

— Coitado do James. — Starbuck não conseguia imaginar o irmão aborrecido e pedante como soldado. James era muito bom advogado, mas sempre detestara a incerteza e a aventura, as únicas coisas que serviam de paliativo para os arriscados desconfortos da vida de soldado.

— Ele preocupa-se contigo — disse-lhe Adam.

— E eu preocupo-me com ele — retorquiu Starbuck num tom ligeiro, esperando impedir o que desconfiava ser um sermão iminente do amigo.

— De certeza que vai ficar satisfeito por saber que tens frequentado encontros de oração — garantiu Adam, com fervor. — Ele está preocupado com a tua fé. Vais à igreja todas as semanas?

— Sempre que posso — asseverou Starbuck, e decidiu que seria melhor mudar de assunto. — E tu? — perguntou a Adam. — Como estás?

Adam sorriu, mas não respondeu de imediato. Em vez disso corou e depois riu-se. Era óbvio que tinha novidades que o embaraçavam demasiado para as contar, mas que, não obstante, queria que lhe fossem arrancadas.

— Estou muito bem — disse, deixando a questão em aberto.

Starbuck percebeu corretamente o tom.

— Estás apaixonado.

Adam assentiu.

— Acho que devo estar, sim. — Parecia surpreendido consigo próprio. — Sim. Deveras.

A timidez de Adam preencheu Starbuck com uma diversão afetuosa.

— Vais casar-te?

— Acho que sim. Sim, achamos que sim, mas ainda não. Pensámos em esperar pelo final da guerra. — Adam continuava enrubescido, mas de repente riu-se, extremamente satisfeito consigo mesmo, e desabotoou um bolso da túnica, como se fizesse menção de puxar de um retrato da amada. — Ainda nem sequer me perguntaste o nome dela.

— Diz-me como se chama — questionou Starbuck prontamente e depois virou-se, pois o som dos tiros de espingarda voltara a assumir uma intensidade frenética. Podia ver-se agora uma leve névoa de fumo de pólvora acima das árvores, um estandarte de guerra diáfano que engrossaria até criar um nevoeiro denso, caso as armas mantivessem o ritmo de fogo presente.

— Ela chama-se... — começou Adam a dizer, mas calou-se ao ouvir o estrondo de cascos na terra atrás dele.

— Meu capitão! Senhor Starbuck, meu capitão! — chamou uma voz e Starbuck virou-se, avistando Robert Decker a galopar pelo campo montado no garanhão de Adam. — Meu capitão! — Acenava a Starbuck, excitado. — Temos ordens, meu capitão! Temos ordens! Temos de os ir combater, meu capitão!

— Graças a Deus — exclamou Starbuck, começando a correr de volta à companhia.

— Chama-se Julia — disse Adam para ninguém, franzindo o cenho da direção das costas do amigo. — Ela chama-se Julia.

— Meu major? — disse Robert Decker, confuso. Descera da sela e estava a estender as rédeas do garanhão a Adam.

— Nada, Robert. — Adam pegou nas rédeas. — Absolutamente nada. Vai juntar-te à companhia. — Observou Nate bradar na direção da Companhia K, vendo a excitação dos homens despertados do seu repouso pela antevisão da matança. Depois abotoou o bolso para proteger a fotografia guardada num estojo de pele, antes de se içar para a sela e de cavalgar para se juntar à Legião do pai, a qual estava prestes a travar a sua segunda batalha.

Nas margens calmas do Potomac.

As duas travessias do rio feitas pelos ianques tiveram lugar com um intervalo de oito quilómetros e o general Nathan Evans vinha a tentar decidir qual delas representava o maior risco para a sua brigada. A travessia a oriente cortara a estrada, parecendo a maior ameaça tática por interromper as comunicações com o quartel-general de Johnston em Centreville, mas os ianques não estavam a reforçar o punhado de homens e de peças de artilharia

que aí tinham levado para o outro lado do rio. Ao mesmo tempo, cada vez mais relatórios davam conta de reforços de infantaria a atravessar o rio na Ilha Harrison e depois a escalar a encosta íngreme até ao topo arborizado de Ball's Bluff. Evans decidiu que era aí que o inimigo estava a concentrar a sua ameaça, e foi para aí que enviou o resto dos soldados do Mississippi e os dois regimentos virginianos. Ordenou que o 8º dos Virginianos se dirigisse ao lado mais próximo de Ball's Bluff, mas indicou a Bird que se posicionasse na margem ocidental oposta.

— Atravesse a povoação — disse Evans — e apareça à esquerda dos rapazes do Mississippi. Depois livre-se dos sacanas dos ianques.

— Com todo o prazer, meu general. — Bird deu meia-volta e vociferou as suas ordens. As equipagens e os cobertores enrolados seriam deixados com uma pequena guarda para a bagagem, devendo todos os restantes elementos da Legião marchar para ocidente com uma espingarda, sessenta munições e quaisquer outras armas que decidissem levar. No verão, quando entraram na guerra, os soldados estavam carregados com mochilas e sacos, cantis e caixas de munições, cobertores e esteiras, facas de mato e revólveres, baionetas e espingardas, além de todos os restantes apetrechos que a família lhes tivesse enviado para o manter seguro, quente ou seco. Alguns homens tinham mantas de búfalo, tendo um ou dois chegado a usar placas peitorais metálicas que os protegessem das balas ianques, mas agora eram poucos os que carregavam mais do que uma espingarda e uma baioneta, um cantil, uma mochila e uma esteira e cobertor enrolados em tubo e pendurados atravessados sobre o peito. Tudo o resto era carga excessiva. A maioria abandonara os bonés forrados com cartão, preferindo chapéus moles que lhes protegessem a nuca do sol. As botas rígidas altas tinham sido cortadas como sapatos, as belas filas duplas de botões de latão das casacas compridas tinham sido arrancadas e usadas como pagamento de sumo de maçã e leite doce das fazendas de Loudoun County, e muitas das abas compridas das casacas tinham sido cortadas para servirem de material para remendar calças e cotovelos. Em junho, quando a Legião treinara em Falconer Court House, o regimento estava tão elegante e bem equipado como quaisquer outros soldados em todo o mundo, mas agora, depois de apenas uma batalha e três meses de serviço de piquete ao longo da fronteira, pareciam maltrapilhos, mas eram todos soldados muito superiores. Estavam magros, bronzeados, em forma e eram muito perigosos. — Continuam com as suas ilusões, bem vês — explicou Thaddeus Bird ao sobrinho. Adam cavalgava o seu belo ruano enquanto o major Bird, como sempre, andava.

— Ilusões?

— Pensamos que somos invencíveis por sermos jovens. Eu não, espero que compreendas, mas os rapazes. Costumava assumir a responsabilidade

de educar os jovens para que perdessem as falácias mais idiotas. Agora tento preservar-lhes os disparates. — Bird ergueu a voz para que a companhia mais próxima o ouvisse. — Vão viver para sempre, seus malandros, conquanto se lembrem de uma coisa! Que é?

Seguiu-se uma pausa, após o que meia dúzia de homens ofereceu uma resposta dissonante.

— Apontar para baixo.

— Mais alto!

— Apontar para baixo! — Desta vez, toda a companhia rugiu a resposta. Depois começaram a rir, com Bird a olhá-los radiante, qual mestre-escola orgulhoso dos progressos dos seus alunos.

A Legião marchou pela rua principal de Leesburg, cheia de pó, onde um pequeno grupo de homens se tinha reunido no exterior do tribunal de Loudoun County e outro, um pouco maior, junto à Taberna Makepeace, no lado oposto da rua.

— Arranjem-nos armas! — gritou um homem. Pareciam ser a milícia do condado e não tinham armas, nem munições, embora um punhado de homens, com equipamento obtido a nível privado, tivesse partido, mesmo assim, para o campo de batalha. Alguns dos homens acompanharam a Legião, esperando vir a encontrar uma arma perdida no campo. — O que se passa, coronel? — perguntaram a Adam, assumindo o debrum escarlate e as estrelas douradas na farda elegante como sendo sinal de que estava ao comando do regimento.

— Não é nada de extraordinário — insistiu Adam. — São só alguns nortistas perdidos.

— Fazem muito barulho, não fazem? — gritou uma mulher. Os ianques estavam realmente muito mais ruidosos agora que o senador Baker conseguira levar as suas três peças de artilharia para o outro lado do rio e encosta escorregadia acima, até ao cimo da falésia, onde os artilheiros limpavam as goelas dos canhões com três disparos de metralha que desfizeram as folhas das árvores.

Ao assumir o comando da batalha, Baker encontrara as suas tropas tristemente dispersas. O 20º do Massachusetts estava posicionado na mata no sopé da colina, enquanto o 15º avançara pelo prado irregular e pelo bosque distante, até chegar às encostas limpas sobranceiras a Leesburg. Baker chamou de volta o 15º, insistindo que formassem uma linha de combate à esquerda do 20º.

— Vamos formar aqui — anunciou —, enquanto Nova Iorque e a Califórnia se juntam a nós! — Desembainhou a espada e brandiu a lâmina gravada para cortar a ponta de uma ortiga. As balas rebeldes passavam-lhes por cima das cabeças, cortando por vezes pedaços de folhas que caíam len-

tamente no ar quente e fragrante. As balas pareciam assobiar na mata e tal som bizarro retirava-lhes o perigo que representavam. O senador, que combatera como voluntário na Guerra Mexicana, não estava, de todo, apreensivo. Pelo contrário, sentia o entusiasmo de um homem tocado pela hipótese de grandiosidade. Seria o seu dia! Virou-se quando o coronel Milton Cogswell, comandante do Regimento Tammany chegou a arfar ao cimo da falésia. — Um sopro da sua corneta vale um milhar de homens! — Baker saudou o coronel exausto com uma citação jocosa.

— Prefiro o raio parta dos homens, meu coronel, com o perdão da expressão — queixou-se Cogswell, encolhendo-se quando um par de balas fez estremecer as folhas por cima da sua cabeça. — Qual é o nosso objetivo, meu coronel?

— O nosso objetivo, Milton? O nosso objetivo é a vitória, a fama, a glória, a paz, o perdão dos nossos inimigos, a reconciliação, a magnanimidade, a prosperidade, a felicidade e a garantia da recompensa celestial.

— Nesse caso, meu coronel — aventou Cogswell, numa tentativa de acalmar o senador excitado —, poderei sugerir que avancemos e ocupemos aquele renque de árvores? — Apontou para a mata além da extensão de prado. Ao retirar o 20º do Massachusetts dessa mata, Baker cedera literalmente as árvores aos rebeldes e os primeiros infantes de casaca cinzenta estavam já instalados no meio da vegetação rasteira.

— Aqueles desgraçados não nos vão incomodar — menosprezou Baker. — Em breve, os nossos artilheiros vão pô-los a andar. Só vamos ficar aqui por uns momentos, o suficiente para nos agruparmos e depois avançamos. Em frente para a glória!

Uma bala assobiou bem perto por cima dos dois homens, levando Cogswell a praguejar num espanto furioso. Não se zangara com a proximidade do tiro, mas sim por o disparo ter tido origem num cabeço altaneiro na ponta oriental das falésias. Era o ponto mais elevado da zona e dominava as árvores onde as tropas nortistas se reuniam.

— Não estamos a ocupar aquela elevação? — perguntou Cogswell horrorizado.

— Não há necessidade! Não há necessidade! Vamos avançar em breve! Em frente para a vitória! — Baker afastou-se calmamente, satisfeito com a sua autoconfiança. Enfiado na carneira do chapéu, onde em tempos guardara apontamentos antes das idas a tribunal, tinha as ordens que recebera do general Stone. “Coronel,” diziam as ordens num rabisco apressado, “havendo tiroteio forte à frente da Ilha Harrison, deverá avançar o regimento da Califórnia da sua brigada ou retirar os regimentos às ordens dos coronéis Lee e Devem no lado da Virgínia do rio, à sua discricção, assumindo o comando à chegada.” Para Baker, tudo isso de pouco importava, salvo o

facto de estar no comando, o dia estar soalheiro, o inimigo estar à sua frente e a fama marcial se encontrar ao seu alcance. — “Um sopro da sua corneta” — o senador ia entoando os versos de *Sir Walter Scott* enquanto marchava por entre as tropas nortistas que se reuniam por baixo das árvores — “valiam um milhar de homens!” Ripostem, rapazes! Os malandros que saibam que estamos aqui! Disparem à vontade, rapazes! Deem-lhes fogo! Eles que saibam que o Norte está aqui para lutar!

O tenente Wendell Holmes despiu o sobretudo cinzento, dobrou-o com todo o cuidado e depositou-o por baixo de uma árvore. Sacou do revólver, confirmou que os fulminantes estavam devidamente instalados sobre os cones e depois disparou contra as distantes formas indistintas dos rebeldes. A voz do senador ecoava ainda pelo bosque, interrompida pelos estampidos do revólver de Holmes.

— “Salve o chefe” — recitou Holmes baixinho o verso do mesmo poema que Baker declamava —, “que triunfante avança.”

O senador Baker puxou de um relógio caro, presente dos colegas e amigos da barra da Califórnia por ocasião da entrada para o Senado dos Estados Unidos. O dia passava a correr, pelo que teria de se apressar, caso pretendesse capturar e consolidar Leesburg antes do anoitecer.

— Vamos em frente! — Baker voltou a empurrar o relógio para dentro do bolso. — Todos vós! Todos vós! Em frente, meus rapazes, em frente! Até Richmond! Até à glória! Tudo pela união, rapazes, tudo pela união!

As cores foram erguidas, as gloriosas Estrelas e Faixas, e a seu lado as cores em seda branca do Massachusetts, com as armas da Commonwealth bordadas num dos flancos e o lema *Fide et Constantia* com letras brilhantes no outro. A seda adejou à luz do Sol enquanto os homens gritavam, saíam dos seus abrigos e carregavam.

Para morrer.

— Fogo! — Entre as árvores estavam agora dois regimentos completos do Mississippi, e as espingardas dos soldados cuspiam chamas sobre a clareira, na direção do ponto onde os nortistas tinham aparecido de repente. As balas quebraram as alfarrobeiras e desfizeram as folhas amarelas garridas dos bordos. Uma dúzia de nortistas tombou com a salva. Um deles, um homem que nunca praguejara em toda a vida, começou a soltar imprecações. Um marceneiro de Boston fitou, espantado, o sangue que se espalhava pela farda, e depois chamou pela mãe enquanto tentava rastejar para um abrigo.

— Fogo! — O coronel Eps, do 8º da Virgínia, encontrava-se no terreno elevado que dominava o flanco esquerdo dos ianques e os seus atiradores despejaram uma fuzilada avassaladora sobre os nortistas. Foram



tantas as balas a gemer e a assobiar ao ressaltarem nos canos de bronze dos morteiros ianques que os artilheiros fugiram pelo precipício da falésia, onde ficaram a salvo do silvo de vespa e das vergastadas sibilantes dos disparos rebeldes.

— Fogo! — Mais soldados do Mississippi abriram fogo. Estavam deitados entre as árvores, ou ajoelhados atrás de troncos e espreitaram através do fumo da pólvora para ver que as salvas tinha rechaçado o ataque nortista. Espalhados entre os soldados do Mississippi, estavam homens de Leesburg e das quintas circundantes, que disparavam armas de caça e caçadeiras contra os ianques vacilantes. Um sargento de Nova Iorque maldisse os seus homens em gaélico, mas as imprecações de nada valeram e uma bala desfez-lhe o cotovelo. Os nortistas recuavam para o meio das árvores, em busca de abrigo atrás de troncos e de ramos caídos, onde recarregaram os mosquetes e as espingardas. Duas das companhias do Massachusetts tinham sido recrutadas entre imigrantes alemães e os seus oficiais gritavam nessa língua, exortando-os a mostrar ao mundo a forma como os alemães lutavam. Outros oficiais nortistas fingiam-se indiferentes à chuva de balas que varria a cumeada da falésia. Andavam por entre as árvores, sabendo que a exibição de uma coragem despreocupada era a qualidade necessária à patente. Pagaram-na com sangue. Muitos dos elementos do 20º do Massachusetts tinham pendurado em ramos os belos sobretudos novos forrados a escarlate e as roupas estremeciam à medida que as balas perfuravam e rasgavam o rico tecido cinzento. O som da batalha era agora constante, soando a algodão a rasgar, ou a um canavial a arder, mas sob o estrépito troante, ouviam-se os gemidos dos feridos, os gritos dos magoados e os estertores dos moribundos.

O senador Baker bradou aos oficiais de estado-maior que operassem um dos morteiros abandonados, mas nenhum deles sabia como escorvar um ouvido e a chuva de balas virginianas empurrou os oficiais de volta às sombras. Ao recuarem, atrapalhados, da peça, deixaram um major morto e um tenente a tossir sangue. Uma bala fez saltar uma lasca de madeira do raio de uma das rodas do canhão, outra acertou em cheio no cano e uma terceira furou o balde de água.

Um grupo de homens do Mississippi, furiosos por o seu coronel ter sido alvejado, tentou carregar pela extensão de prado irregular, mas assim que se mostraram além da linha de árvores, os nortistas frustrados dispararam contra eles. Foi a vez de os rebeldes recuarem, deixando três mortos e dois feridos. O canhão de catorze libras no flanco direito da linha do Massachusetts continuava a fazer fogo, mas os artilheiros de Rhode Island tinham acabado a pequena reserva de metralha e agora nada mais tinham para disparar senão dardos de ferro sólido. As latas de metralha, que se desfaziam



na boca do cano e espalhavam uma chuva mortífera de bolas de mosquete sobre as linhas inimigas, eram ideais para uma matança à queima-roupa, mas os dardos sólidos destinavam-se a um fogo mais preciso de longo alcance, não servindo para expulsar infantaria do mato. Os dardos, que eram bolas de canhão de ferro sobre o comprido, gemiam sobre a clareira e desapareciam à distância, ou então arrancavam novas lascas dos troncos das árvores. O fumo do canhão espalhava a sua nuvem imunda vinte metros à frente do cano, criando um véu que ocultava as companhias do 20º do Massachusetts no flanco direito.

— Vamos embora, Harvard! — bradou um oficial. Pelo menos dois terços dos oficiais do regimento tinham vindo de Harvard, bem como seis sargentos e dezenas de soldados. — Vamos embora, Harvard! — repetiu o oficial e deu um passo em frente, para servir de exemplo aos homens, mas uma bala acertou-lhe no queixo e fez-lhe a cabeça saltar com força para trás. O sangue envolvia-lhe o rosto quando tombou lentamente ao chão.

De boca seca, Wendell Holmes observou o oficial ferido a ajoelhar-se e depois a cair para a frente. Holmes correu a ajudá-lo, mas outros dois soldados estavam mais perto e arrastaram o corpo de volta às árvores. O oficial estava inconsciente, com a cabeça ensanguentada a estremecer, e depois produziu um som áspero quando o sangue lhe começou a borbulhar na garganta.

— Está morto — informou um dos homens que tinham puxado o corpo para o abrigo das árvores. Holmes fitou o cadáver e sentiu uma ânsia de vômito a assomar-lhe a garganta. Com grande esforço, conseguiu dominar o impulso, dando meia-volta e obrigando-se a caminhar com uma calma aparente por entre a companhia. A bem da verdade, queria deitar-se, mas sabia que tinha de mostrar aos soldados que não estava com medo, pelo que andou entre eles, de espada desembainhada, ajudando onde podia.

— Apontem para baixo. Apontem com cuidado! Não desperdicem munições. Vá, procurem-nos! — Os seus homens morderam os cartuchos, enchendo a boca com o sabor salgado da pólvora. Tinham o rosto escurecido pela pólvora e os olhos raiados de sangue. Fazendo uma pausa num breve lago de sol, Holmes ouviu de repente o som de vozes rebeldes que gritavam o mesmo conselho.

— Apontem para baixo! — bradava um oficial confederado. — Apontem para os oficiais! — Holmes apressou-se a seguir caminho, resistindo à tentação de se deixar ficar atrás dos troncos marcados pelas balas.

— Wendell! — chamou o coronel Lee.

O tenente Holmes virou-se para o comandante.

— Meu coronel?

— Olhe para a nossa direita, Wendell! Talvez possamos contornar estes

rebeldes. — Lee apontou para a mata além da peça de artilharia. — Descubra até onde chega a linha confederada. Despache-se!

Tendo permissão para abandonar a sua pose de uma descontração forçada, Holmes correu por entre as árvores na direção do flanco direito aberto da linha nortista. À sua direita, lá em baixo por entre as árvores, avistou a surpresa brilhante e fresca que era o rio e a visão da água pareceu-lhe estranhamente reconfortante. Passou pelo sobretudo cinzento tão bem dobrado junto às raízes do bordo, correu por trás dos soldados de Rhode Island que operavam o canhão e dirigiu-se ao flanco, onde, no momento em que saiu do fumo e viu que o bosque distante estava deveras livre de soldados inimigos, o que permitiria ao coronel Lee contornar o flanco esquerdo confederado, foi atingido no peito por uma bala.

Estremeceu, com o corpo abalado pelo impacto violento da bala. Ficou sem fôlego, sentindo-se momentaneamente incapaz de respirar, mas mesmo assim estava calmo e desligado a ponto de ser capaz de se aperceber daquilo por que estava a passar. A bala, pois tinha a certeza que fora uma bala, acertara-lhe com um impacto que julgava ser semelhante ao de um coice de cavalo. Deixara-o aparentemente paralisado, mas, quando tentou inspirar, percebeu, aliviado, que os pulmões ainda funcionavam e teve noção de que não se encontrava, na verdade, paralisado, sofrendo apenas de uma interrupção do controlo da mente sobre o movimento físico. Também se apercebeu de que o pai, professor de Medicina em Harvard, gostaria de saber daquelas percepções, pelo que levou a mão ao bolso onde guardava o bloco de apontamentos e o lápis, mas então, incapaz de se controlar, começou a tombar para a frente. Tentou chamar ajuda, mas não conseguiu produzir qualquer som. Tentou então levantar as mãos para amparar a queda, mas os braços pareceram-lhe subitamente fracos. A espada, que empunhava desembainhada, caiu ao chão e Holmes viu uma gota de sangue a manchar a lâmina espelhada. Tombou a todo o comprimento sobre o aço e sentiu uma dor terrível dentro do peito, o que o levou a gritar de lástima e agonia. Teve uma visão da família em Boston e sentiu vontade de chorar.

— O tenente Holmes foi atingido! — gritou alguém.

— Vão buscá-lo já! Levem-no de volta! — ordenou o coronel Lee, após o que foi confirmar a gravidade dos ferimentos de Holmes. Foi atrasado durante alguns segundos pelos artilheiros de Rhode Island, que gritaram à infantaria para abrir espaço enquanto disparavam. Os canhões recuaram sobre os sulcos, cuspidos fumo e chamas bem longe até à clareira iluminada pelo sol. Sempre que a peça disparava, recuava um pouco, deixando como rasto um sulco grosseiro na terra coberta de folhas. Os artilheiros estavam demasiado ocupados para voltar a empurrar o canhão em frente, pelo que cada tiro era disparado alguns metros mais atrás do que o anterior.

O coronel Lee chegou a Holmes no momento em que o tenente estava a ser depositado numa maca.

— Lamento, meu coronel — conseguiu Holmes dizer.

— Esteja calado, Wendell.

— Lamento — repetiu Holmes. Lee deteve-se para apanhar a espada do tenente e interrogou-se por que julgavam tantos homens que ser ferido era culpa deles.

— Agiu bem, Wendell — declarou Lee com entusiasmo. Depois, uma ovação rebelde súbita fê-lo virar-se e viu novas tropas confederadas a chegarem à mata oposta, percebendo que já não tinha hipótese de contornar o flanco aberto do inimigo. Com efeito, parecia que talvez fosse o inimigo a contornar o seu. Praguejou entre dentes e depois pousou a espada de Holmes ao lado do tenente ferido. — Levem-no com cuidado — indicou Lee, após o que se encolheu, quando um cabo começou a gritar devido a uma bala que lhe violara as entranhas. Outro homem cambaleou com um olho cheio de sangue e Lee interrogou-se por que diabos Baker não ordenara a retirada. Tinham de voltar a cruzar o rio antes que morressem todos.

No outro lado da clareira, os rebeldes tinham começado a entoar o som demoníaco que os veteranos nortistas de Bull Run garantiam ser o presságio do desastre iminente. Era um som estranho, ululante e inumano que lançava arrepios de terror puro pela coluna do coronel Lee. Um bramido prolongado, qual grito de triunfo de uma besta, e o som, assim receava Lee, da derrota nortista. Estremeceu, agarrou a espada com um pouco mais de força e foi à procura do senador.

A Legião Faulconer subiu a longa encosta a caminha da batalha. Marchar através da povoação e encontrar o caminho certo para o rio demorara mais do que o esperado, pelo que agora se estava no início da tarde e alguns dos homens mais confiantes queixavam-se de que os ianques estariam todos mortos e saqueados antes que a Legião Faulconer pudesse chegar à sua parte dos despojos, ao passo que os tímidos lembravam que a batalha ainda estrondeava sem tréguas. A Legião chegara perto o suficiente para cheirar o fedor amargo da pólvora, levado pela brisa norte que soprava o fumo através das folhas verdes, qual nevoeiro de inverno a deslocar-se por entre os ramos. Em casa, pensou Starbuck, as folhas já teriam todas mudado de cor, transformando as colinas em torno de Boston numa surpresa gloriosa de dourado, roxo, amarelo vivo e um castanho rico, mas ali, no extremo norte da Confederação sulista, apenas os bordos tinham assumido o ouro, com as outras árvores ainda carregadas de folhas verdes, mesmo com essa verdura

a ser arrancada e agitada pela chuva de balas que estavam a ser disparadas algures nas profundezas da mata.

A Legião marchou pelos restos leprosos de vegetação chamuscada que mostravam onde a companhia de Duff, de homens de Pike e Chickasaw County, tinha travado o avanço dos ianques. Os invólucros em chamas das espingardas, cuspidos a par das balas, tinham ateado os pequenos fogos que ardiam e se apagavam, deixando cicatrizes escuras no campo. Também se viam algumas manchas de sangue, mas a Legião estava demasiado interessada nos combates no cimo da colina para se preocupar com esses sinais de uma batalha anterior.

No limite da mata encontravam-se mais detritos da batalha. Uma dúzia de cavalos de oficiais estava aí presa, e uma vintena de feridos recebia a atenção dos médicos. Uma mula carregada com munições frescas era levada para o meio das árvores, enquanto outra, de cestos vazios, era trazida. Um escravo, levado para a batalha como criado do dono, correu colina acima com os cantis que reabastecera na nascente da fazenda mais próxima. Pelo menos duas dezenas de crianças tinham vindo de Leesburg para observar a batalha e um sargento do Mississippi tentava afastá-las do alcance das balas nortistas. Um menino tinha trazido a enorme caçadeira do pai para o campo e suplicava que o deixassem matar um ianque antes da hora de se deitar. O pequeno nem sequer estremeceu quando um dardo sólido de uma peça de catorze libras foi cuspidor por entre as árvores e passou quase rente às cabeças. A bala pareceu voar até meio caminho da montanha Catoctin, antes de cair com estardalhaço num ribeiro pouco além da Estrada de Lickville. A Legião encontrava-se agora a sessenta metros das árvores e os oficiais ainda a cavalo desmontaram e espetaram na terra pinos de ferro para prender os cavalos, enquanto o capitão Hinton, o segundo comandante da Legião, avançava para averiguar ao certo onde se encontrava o flanco esquerdo dos rapazes do Mississippi.

A maior parte dos homens de Starbuck estava entusiasmada. Nas longas semanas de guarda ao Potomac, o alívio por ter sobrevivido a Manassas transformara-se em enfado. Esse tempo nem parecera guerra, sendo, isso sim, um idílio veranil junto a água fresca. De vez em quando, um homem de uma ou outra margem era abatido, e durante um dia ou dois, os piquetes refugiavam-se nas sombras, mas, regra geral, os dois lados tinham ido à sua vida. Os homens nadavam sob a mira dos inimigos, lavavam as roupas e davam de beber aos cavalos, e, inevitavelmente, travavam conhecimentos com as sentinelas do outro lado, descobrindo baixios para se encontrarem a meio do rio e trocaram jornais, ou tabaco sulista por café nortista. Agora, contudo, na ânsia de se revelarem os melhores soldados do mundo, a Legião esquecera a simpatia do verão e, em vez disso, jurava que ia ensinar

os ianques mentirosos, ladrões e sacanas a não atravessarem o rio antes de pedirem autorização aos rebeldes.

O capitão Hinton voltou a surgir no limite das árvores e colocou as mãos em concha.

— Companhia A, a mim!

— Formar à esquerda da Companhia A! — gritou Bird à restante Legião. — Grupo das cores, a mim!

Um dos projéteis de canhão rasgou por entre as árvores, banhando os homens que avançavam com folhas e lascas de madeira. Starbuck viu o ponto onde um disparo anterior tinha arrancado o ramo de uma árvore, deixando uma cicatriz chocante de madeira fresca. Sentiu um nó repentino na garganta, uma pontada de receio que se assemelhava ao entusiasmo

— Grupo das cores, a mim! — repetiu Bird, e os porta-estandartes ergueram as bandeiras ao Sol e correram a juntar-se ao major. As cores da Legião baseavam-se no brasão da família Faulconer, mostrando três crescentes vermelhos num campo de seda branca, sobre o lema da família, “Sempre Ardente.” O segundo estandarte era a bandeira nacional da Confederação, duas faixas horizontais vermelhas com outra branca ao centro, enquanto o quadrante superior ao lado da haste mostrava um campo azul onde fora bordado um círculo de sete estrelas brancas. Depois de Manassas, tinham sido apontadas queixas, que diziam que a bandeira era demasiado semelhante à do Norte, e que as tropas tinham disparado contra unidades aliadas julgando que se tratavam de ianques. Dizia-se que em Richmond se procedia à criação de um novo desenho, mas, naquele dia, a Legião iria combater sob a seda furada pelas balas das antigas cores confederadas.

— Meu Senhor Jesus Cristo, salvai-me, meu Senhor Jesus Cristo, salvai-me — rezava, ofegante, Joseph May, um dos homens de Starbuck, enquanto corria atrás do sargento Truslow. — Salvai-me, meu Deus, salvai-me.

— Poupa o fôlego, May! — rosnou Truslow.

A Legião avançara em colunas de companhias e agora desviava-se para a esquerda enquanto se transformava, de coluna de marcha em linha de batalha. A Companhia A foi a primeira a entrar nas árvores e a Companhia K de Starbuck seria a última. Adam Faulconer acompanhava Starbuck.

— Desce do cavalo, Adam! — gritou Starbuck ao amigo. — Ainda te matas! — Tinha de gritar para se fazer ouvir acima do estrépito da mosquetaria, mas o som enchia Starbuck com uma estranha exaltação. Sabia tão bem quanto Adam que a guerra era errada. Era como o pecado, terrível, mas tal como o pecado, tinha um horrível poder de atração. *Se sobrevive a isto*, pensava Starbuck, *um homem é capaz de aguentar tudo o que o mundo lhe possa atirar*. Era um jogo com apostas inimaginavelmente elevadas, mas também era um jogo onde os privilégios não garantiam vantagens, salvo

a hipótese de evitar por completo o jogo, e quem se servia dos privilégios para evitar tal jogo não era de todo um homem, mas um covarde imundo. Ali, onde o ar estava empestado de fumo e a morte surgia por entre o verde das folhas, a existência simplificava-se ao ponto do absurdo. De repente, Starbuck gritou, prenhe do prazer puro do momento. Atrás dele, de espingardas carregadas, a Companhia K espalhava-se por entre as folhas viçosas. Ouviram o brado de alegria do capitão e o grito rebelde oriundo das tropas à direita, e por isso começaram a produzir o ulular demoníaco que falava dos direitos do Sul, do orgulho do Sul e dos rapazes do Sul que ali estavam para a matança.

— Façam-lhes a vida negra, rapazes! — vociferou Bird. — Façam-lhes a vida negra!

E a Legião obedeceu.

Baker morreu.

O senador tentava estabilizar os homens, cujos nervos estavam a ser taxados pelos vingativos demónios sulistas ululantes. Baker procedera a três tentativas para sair da mata, mas cada avanço nortista fora rechaçado violentamente, deixando nova marca de homens abatidos no pequeno prado que agora parecia um matadouro repleto de fumo entre as duas forças. Alguns dos soldados de Baker abandonavam os combates, escondendo-se na falésia íngreme que descia até à margem do rio, ou abrigando-se às cegas atrás de troncos de árvores e de formações rochosas no cimo do monte. Baker e os seus ajudantes-de-campo iam buscar esses elementos mais tímidos aos seus refúgios e devolviam-nos aos pontos onde os corajosos ainda tentavam manter os rebeldes à distância, mas os menos bravos regressavam às escondidas aos seus abrigos assim que os oficiais dali saíam.

O senador ficara privado de ideias. Toda a sua esperteza, a oratória e a paixão tinham sido condenadas ao limbo da impotência alimentada pelo pânico. Não que ele mostrasse medo. Continuava a andar à frente dos homens, de espada em riste, ordenando-lhes que apontassem para baixo e que mantivessem o moral elevado.

— Estão a chegar reforços! — garantiu aos homens manchados de pólvora da 15<sup>a</sup> do Massachusetts. — Já não falta muito, rapazes! — encorajou os seus soldados da 1<sup>a</sup> da Califórnia. — Agora está a ser difícil, rapazes, mas eles vão cansar-se primeiro! — prometeu aos elementos dos Tammanys de Nova Iorque. — Se pelo menos tivesse mais um regimento como o vosso — confidenciou aos Harvards —, esta noite teríamos um festim em Richmond!

O coronel Lee tentou convencer o senador a recuar para o outro lado do rio, mas Baker pareceu não ouvir o pedido e quando Lee o gritou, insistindo para ser ouvido, Baker limitou-se a oferecer um sorriso triste ao coronel.

— Não sei se dispomos de barcos suficientes para uma retirada, William. Creio que temos de nos manter firmes e vencer aqui, não acha? — Uma bala assobiou a centímetros da cabeça do senador, mas este não se mexeu. — Não passam de um bando de rebeldes. Não seremos derrotados por tais miseráveis. O mundo está a ver-nos e temos de mostrar a nossa superioridade!

O que talvez fosse algo que um antepassado de Baker tivesse dito em Yorktown, refletiu Lee, mas tendo o bom senso de não o dizer em voz alta. O senador podia ter nascido em Inglaterra, mas não havia americano mais patriota.

— Está a mandar retirar os feridos? — perguntou, em vez disso, Lee ao senador.

— De certeza que sim! — garantiu Baker com firmeza, embora não estivesse certo de nada, mas agora não podia preocupar-se com os feridos. Precisava, isso sim, de encher os seus homens de um fervor justificado pela adorada união. Um ajudante-de-campo trouxe-lhe a informação de que o 19º do Massachusetts tinha chegado à outra margem do rio e Baker pensou que se pudesse fazer com que esse regimento fresco atravessasse o Potomac, teria homens suficientes para lançar um ataque contra o barranco a partir de onde os rebeldes dizimavam o seu flanco esquerdo e impediam que os morteiros realizassem a sua chacina. A ideia deu ao senador uma esperança renovada e um novo entusiasmo. — É isso que vamos fazer! — bradou a um dos ajudantes.

— Vamos fazer o quê, senador?

— Venha daí! Temos trabalho! — O senador precisava de regressar ao flanco esquerdo e o caminho mais rápido ficava em terreno aberto, onde o fumo das armas garantia um banco de nevoeiro onde se poderiam ocultar. — Venha — repetiu, após o que se apressou a correr à frente da linha, gritando aos atiradores que sustivessem o fogo até que ele passasse. — Vamos ter reforços, rapazes — gritou. — Já não falta muito! A vitória está a chegar. Aguentem-se aí, aguentem-se!

Um grupo de rebeldes viu o senador e os seus ajudantes-de-campo a correrem através do fumo ondulante e mesmo não sabendo que Baker era o comandante nortista, sabiam que só um oficial superior empunharia uma espada guarnecida de borlas e usaria uma farda tão carregada de trancelins e dourados. Uma corrente dourada de relógio saía do bolso da casaca do senador e refletiu o sol.



— Lá está o chefe deles! O chefe deles! — alertou um ruivo nodoso alto do Mississippi, apontando para a figura que marchava com tanta confiança pela frente de batalha. — É meu! — gritou o homem alto, correndo em frente. Foi seguido por uma dúzia de camaradas, ansiosos por pilhar os corpos dos ricos comandantes nortistas.

— Senador! — alertou um dos ajudantes-de-campo de Baker.

O senador virou-se, erguendo a espada. Devia ter retirado para as árvores, mas não atravessara um rio para fugir de uma quadrilha de secessionistas.

— Anda lá então, rebelde de uma figa! — bradou, estendendo a lâmina, como se estivesse pronto a travar um duelo.

Mas o ruivo serviu-se de um revólver, com as quatro balas a baterem no peito do senador como se fossem golpes de machado em madeira macia. O senador foi atirado para trás, a tossir e agarrado ao peito. Deixara cair a espada e o chapéu ao tentar manter-se de pé. Outra bala rasgou-lhe o pescoço e o sangue espalhou-se num jorro vermelho pela túnica de botões de bronze da casaca traçada, amontoando-se na corrente de ouro do relógio. Baker tentava respirar e abanava a cabeça, como se não acreditasse no que lhe estava a acontecer. Olhou para o assassino esgalgado com uma expressão de perplexidade, após o que tombou na erva. O rebelde ruivo apressou-se a reclamar o corpo.

Um tiro de espingarda fez o ruivo rodopiar, com outra bala a abater o indivíduo. Uma salva rechaçou os restantes homens do Mississippi, enquanto dois dos ajudantes-de-campo do senador arrastavam o comandante morto de volta às árvores. Um dos homens recuperou o chapéu do senador e tirou a mensagem dobrada e suada que enviara aquela loucura desde o outro lado do rio.

O Sol brilhava baixo a ocidente. As folhas podiam ainda não ter mudado de cor, mas as noites cresciam e o Sol desapareceria às cinco e meia, mas a escuridão já não podia salvar os ianques. Precisavam de barcos, mas só dispunham de cinco pequenas embarcações e alguns dos feridos já se tinham afogado ao tentar nadar de volta à Ilha Harrison. Outros feridos desciam, atrapalhados, a falésia até à pequena área de terreno plano entre a base da colina íngreme e a margem do rio, já cheia pelas baixas nortistas. Dois ajudantes-de-campo transportaram o corpo do senador por entre o amontoado de homens gementes até um dos barcos, ordenando que se abrisse espaço para o cadáver. O caro relógio do senador caiu-lhe do bolso quando a carcaça foi carregada até à margem. O relógio ficou pendurado pela corrente ensanguentada, começando por ser arrastado pela lama e depois batendo com força na madeira da embarcação. A pancada estilhaçou o cristal do relógio e espalhou pequenos fragmentos aguçados na água

imunda no fundo. Os restos mortais cobertos de sangue do senador foram rolados sobre o vidro.

— Levem-no de volta! — ordenou um ajudante-de-campo.

— Vamos morrer todos! — gritou um soldado no cimo da colina, com um sargento do Massachusetts a mandá-lo parar com o maldito barulho e morrer como um homem. Um grupo de rebeldes tentou atravessar a clareira e foi rechaçado por um crescendo de fogo de mosquete que os fez dar meia-volta e arrancou lascas de madeira das árvores atrás deles. Um porta-estandartes do Massachusetts foi atingido e a sua enorme e bela bandeira de seda esburacada pelas balas adejou a caminho da terra, mas outro homem agarrou na franja borlada e voltou a erguer as estrelas em direção ao Sol antes que as faixas chegassem ao chão.

— Aquilo que vamos fazer — indagou o coronel Cogswell, que finalmente percebera ser o oficial de patente mais elevada sobrevivente, assumindo assim o comando dos quatro regimentos ianques encurralados na margem da Virgínia — é lutar rio abaixo até ao *ferry*. — Pretendia retirar os homens das sombras assassinas e levá-los para os campos abertos, onde os inimigos já não poderiam esconder-se atrás das árvores. — Vamos marchar em passo acelerado. Isso significa que teremos de abandonar as armas e os feridos.

Ninguém gostou da decisão, mas não havia ideia melhor, pelo que a ordem foi transmitida até ao 20º do Massachusetts, que se encontrava no flanco direito da linha ianque. O canhão *James* de catorze libras teria mesmo de ser abandonado, já que recuara tanto que acabara por cair da falésia. Ao disparar o último tiro, um artilheiro gritara a dar o alarme e depois o enorme canhão tombara escarpa abaixo, rebolando com estrépito pela encosta íngreme até se deter contra uma árvore. Os artilheiros tinham desistido das tentativas de voltar a içar a peça até ao topo, escutando, em vez disso, o coronel Lee a explicar aquilo que o regimento estava prestes a fazer. Deveriam deixar os feridos à mercê dos rebeldes e reunir-se no flanco esquerdo da linha nortista. Aí carregariam em massa por entre as forças rebeldes até aos prados que davam acesso ao local onde a segunda força ianque atravessara o rio para cortar a estrada. Essa segunda força tinha a cobertura da artilharia na margem de Maryland do rio.

— Não podemos atravessar aí para o Maryland — admitiu Lee aos oficiais —, pois não temos barcos suficientes, pelo que teremos de marchar os oito quilómetros para jusante e afastar os rebeldes pelo caminho. — Olhou para o relógio. — Avançamos daqui a cinco minutos.

Lee sabia que demoraria esse tempo até que as ordens chegassem a todas as companhias e para que as baixas fossem reunidas sob uma bandeira de tréguas. Detestava ser obrigado a deixar os feridos, mas sabia que

nenhum elemento do seu regimento chegaria ao Maryland naquela noite se não abandonassem as baixas.

— Despachem-se — disse aos oficiais, tentando soar confiante, mas a tensão era por demais evidente e a aparência otimista começava a esvaír-se sob o castigo constante das balas rebeldes. — Depressa! — insistiu. Foi então que ouviu o barulho terrível de gritos vindo do flanco direito aberto e virou-se, alarmado, percebendo de repente que já não havia pressa que lhe valesse.

Parecia que os Harvards teriam de lutar onde se encontravam. Lee desembainhou a espada, humedeceu os lábios, e depois entregou a alma a Deus e o seu adorado regimento ao fim desesperado que os aguardava.

**E**stamos muito chegados à esquerda — resmungara Truslow a Starbuck assim que a Companhia K chegara à linha de batalha. — Os sacanas estão daquele lado. — Truslow apontou para o outro lado da clareira, onde um véu de fumo pairava à frente das árvores. O fumo ficava bastante à direita da Companhia K, enquanto mesmo à frente dos homens de Starbuck não havia qualquer fumo, apenas árvores vazias e sombras compridas e escuras, entre as quais os bordos pareciam anormalmente brilhantes. Alguns dos elementos da Companhia K tinham começado a disparar contra essas árvores, mas Truslow rosnara-lhes que parassem de desperdiçar pólvora.

A companhia aguardou, expectante, pelas ordens de Starbuck e depois virou-se quando outro oficial chegou a correr pelo meio da vegetação. Era o tenente Moxey, que se considerava um herói desde que sofrera um ferimento ligeiro na mão esquerda, em Manassas.

— O major diz que têm de se chegar ao centro. — Moxey mostrava-se repleto de entusiasmo. Acenou com o revólver na direção do som da mosquetaria. — Diz que têm de reforçar a companhia do Murphy.

— Companhia! — bradou Truslow aos homens, antecipando a ordem de Starbuck para avançarem.

— Não! Espere! — Starbuck continuava a olhar diretamente sobre a clareira, para as árvores calmas. Voltou a olhar para a direita, reparando como o fogo ianque esmorecera momentaneamente. Durante alguns segundos, interrogou-se se aquela quebra no fogo significaria que as forças

nortistas estavam a bater em retirada, mas, depois, uma investida súbita por parte de um grupo de rebeldes aos gritos desencadeou uma salva furiosa de disparos nortistas. Por alguns segundos, os tiros fizeram-se ouvir num matraquear alucinado, mas assim que os rebeldes retiraram, a fuzilada desvaneceu-se. Starbuck apercebeu-se de que os nortistas estavam a conter o fogo até conseguirem avistar os alvos, enquanto os sulistas mantinham uma fuzilada constante. O que implicava, decidiu Starbuck, que os ianques se preocupavam com as munições.

— O major diz que têm de avançar imediatamente — insistiu Moxey. Era um jovem magro de tez pálida, que se ressentia do facto de Starbuck ter sido promovido a capitão, enquanto ele permanecia tenente. Era também um dos poucos homens da Legião que não gostava da presença de Starbuck, acreditando que um regimento da Virgínia não precisava de um bostoniano renegado, mas era uma opinião que mantinha reservada, pois Moxey conhecia bem o mau feitio de Starbuck e sabia que o nortista não tinha quaisquer problemas em usar os punhos. — Ouviu o que eu disse, Starbuck? — exigia agora.

— Eu ouvi — respondeu Starbuck, continuando sem se mexer. Pensava que os ianques tinham passado quase todo o dia a combater naquelas matas e seria de esperar que tivessem usado praticamente todas as munições nas bolsas, o que significava que agora dependiam das pequenas quantidades que pudessem ser levadas pelo rio. Pensava também que as tropas que se preocupavam com a quantidade de cartuchos disponíveis eram tropas que entravam rapidamente em pânico. Assistira a pânico em Manassas e imaginava que isso pudesse garantir ali uma vitória igualmente rápida e completa.

— Starbuck! — Moxey insistia em ser ouvido. — O major diz que tem de reforçar o capitão Murphy.

— Já o ouvi, Mox — repetiu Starbuck, mas nada mais.

Moxey fez um grande espalhafato, dando a entender que julgava que Starbuck tinha de ser particularmente idiota. Bateu no braço de Starbuck e apontou para as árvores à direita.

— Por ali, Starbuck.

— Vá-se embora, Mox — disse Starbuck, olhando para o outro lado da clareira. — E de caminho diga ao major que vamos atravessar aqui e empurrar os nortistas pela esquerda. A nossa esquerda, percebeu?

— Vai fazer o quê? — Moxey fitou Starbuck de boca aberta e depois olhou para Adam, que estava a cavalo, alguns passos atrás de Starbuck. — Diga-lhe, Adam — apelou Moxey à autoridade superior. — Diga-lhe para obedecer às ordens!

— Vamos atravessar o campo, Moxey — explicou Starbuck numa voz

gentil e lenta, como se estivesse a dirigir-se a uma criança particularmente lenta —, e vamos atacar os mauzões dos ianques por entre aquelas árvores. Agora, vá lá dizer isso ao Pica-pau!

A manobra parecia o mais óbvio a fazer. Os dois lados estavam naquele momento a alvejar-se mutuamente dos dois lados da clareira, e embora os rebeldes detivessem uma vantagem clara, nenhum dos lados parecia capaz de avançar diretamente contra o fogo concentrado do outro. Atravessando a clareira naquele flanco aberto, Starbuck poderia levar os seus homens em segurança até às árvores dos nortistas e depois carregar sobre a ala sem defesas.

— Confirmem que estão carregados! — bradou Starbuck aos seus homens.

— Não pode fazer isto, Starbuck — apelou Moxey. Starbuck não lhe prestou atenção. — Quer que diga ao major que vai desobedecer às ordens? — perguntou Moxey a Starbuck, num tom petulante.

— Sim — respondeu Starbuck. — É exatamente isso que eu quero que lhe diga. E que vamos atacar o flanco do inimigo. Agora, vá-se lá embora!

Ainda a cavalo, Adam franziu o sobrolho ao amigo.

— Sabes o que estás a fazer, Nate?

— Sei, Adam. Por acaso sei — replicou Starbuck. A bem da verdade, a oportunidade de contornar o flanco dos ianques era tão evidente que o mais lento dos tolos a teria aproveitado, embora um sábio talvez começasse por obter autorização para a manobra. Mas Starbuck estava tão seguro de si e tão confiante que o seu ataque pelo flanco iria acabar com a defesa ianque que imaginou que procurar a autorização seria uma perda de tempo. — Sargento! — chamou ele por Truslow.

Mais uma vez, Truslow antecipou a ordem de Starbuck.

— Calar baionetas! — bradou à companhia. — Confirmem que as fixam bem! Lembrem-se de girar quando as enfiarem! — A voz de Truslow era calma, como se aquele não passasse de mais um dia de treino. — Demora o tempo que for preciso, rapaz! Não te atrapalhes! — Dirigia-se a um homem que no seu entusiasmo deixara cair a baioneta e depois confirmou que a lâmina de outro soldado estava bem encaixada no cano da espingarda. Hutton e Mallory, os outros dois sargentos da companhia, confirmavam igualmente os seus esquadrões.

— Capitão! — chamou um dos homens de Hutton. Era o cabo Peter Waggoner, cujo irmão gémeo também era cabo na companhia. — Fica ou vai, capitão? — Peter Waggoner era um homem grande e lento, de piedade profunda e fé feroz.

— Vou para ali — indicou Starbuck, apontando para o outro lado da clareira e ignorando propositadamente a verdadeira questão.

— O meu capitão sabe o que eu quero dizer — esclareceu Waggoner, e a maioria dos outros homens da companhia também sabia, pois fitaram apreensivamente o seu capitão. Sabiam que Nathan Evans lhe oferecera um cargo e muitos receavam que tal nomeação fosse atraente para um jovem ianque como Starbuck.

— Ainda acredita que as pessoas que bebem uísque vão parar ao Inferno, Peter? — perguntou Starbuck ao cabo.

— É a verdade, não é? — indagou Waggoner, com severidade. — É a verdade de Deus, senhor Starbuck. Temos a certeza que os nossos pecados nos apanham.

— Decidi ficar aqui até que o Peter e o seu irmão se embriaguem comigo — retorquiu Starbuck. Fez-se um instante de silêncio enquanto os homens compreendiam o que ele queria dizer com tais palavras, após o que se ouviu uma ovação.

— Silêncio! — ordenou Truslow, bruscamente.

Starbuck voltou a olhar para o lado inimigo da clareira. Não sabia por que motivo os homens gostavam dele, mas sentia-se profundamente comovido por essa afeição, a tal ponto que virara costas para não trair as emoções. Quando fora elevado a capitão, sabia que tinha sido aceite pelos homens devido à aprovação de Truslow, mas, desde então, os soldados tinham percebido que o seu oficial ianque era um homem inteligente, destemido e combativo. Nem sempre era afável, ao contrário de alguns dos oficiais, que se comportavam tal como os homens que comandavam, mas a Companhia K aceitava o feitio reservado e tranquilo de Starbuck como sendo característico de um nortista. Todos sabiam que os Ianques eram pessoas frias, e nenhum mais estranho ou distante do que os Bostonianos, mas tinham também percebido que Starbuck protegia aguerridamente os seus homens e estava pronto a desafiar qualquer autoridade confederada para livrar de apuros um dos seus. Sentiam igualmente que ele era um solitário, o que os levava a pensar que seria afortunado e, como todos os soldados, preferiam ter um líder sortudo a qualquer outro tipo de comandante.

— Vai mesmo ficar, meu capitão? — perguntou Robert Decker.

— Vou mesmo ficar, Robert. Agora, vá preparar-se.

— Eu estou pronto — garantiu Decker, com um sorriso de prazer. Era o mais jovem dos cinquenta e sete homens da companhia, quase todos eles vindos de Faulconer County, onde tinham tido aulas com Thaddeus Bird, sido assistidos pelo major Danson, ouvido os sermões do reverendo Moss e sido empregados, na maioria dos casos, por Washington Faulconer. Um punhado estava na casa dos quarenta anos, alguns na casa dos vinte e dos trinta, mas a maior parte tinha apenas dezassete, dezoito ou dezanove anos de idade. Eram irmãos, primos, cunhados, amigos e inimigos, nenhum de-



les um estranho fosse para quem fosse, e todos familiarizados com as casas, as irmãs, as mães, os cães, os sonhos e as fraquezas uns dos outros. Para um forasteiro pareciam tão ferozes e desalinados como uma matilha de sabujos depois de uma corrida à chuva, mas Starbuck sabia bem o que ali tinha. Alguns, como os gémeos Waggoner, eram rapazes profundamente pios que oravam todas as noites com os outros soldados e que rezavam pela alma do seu capitão, enquanto outros, como Edward Hunt e Abram Statham, eram individualistas em quem não se podia confiar de todo. Robert Decker, oriundo, tal como o sargento Truslow, do mesmo vale das montanhas azuis, era uma alma gentil, trabalhadora e dedicada, ao passo que outros, como os gémeos Cobb, eram mais preguiçosos do que gatos.

— Tem de reforçar a companhia do Murphy! — O tenente Moxey continuava atrás de Starbuck.

Starbuck virou-se para ele.

— Vá levar a minha mensagem ao Pica-pau! Pelo amor de Deus, Mox, se vai ser um mensageiro, então porte-se bem. Despache-se! — Moxey recuou e Starbuck ergueu o olhar para Adam. — Fazes o favor de dizer ao Pica-pau o que estamos a fazer? Não confio no Moxey.

Adam afastou-se a cavalgar e Starbuck dirigiu-se aos seus homens. Levantou a voz para se fazer ouvir acima do estrépito da mosquetaria e disse à companhia o que esperava deles. Teriam de atravessar a clareira em passo acelerado e, assim que chegassem ao outro lado, deveriam virar-se para a direita e formar uma linha que varresse a mata como uma vassoura, a caminho do extremo aberto da linha ianque.

— Não disparem a menos que a isso sejam obrigados — alertou Starbuck. — Basta que gritem tão alto quanto possam e mostrem-lhes as baionetas. Garanto que eles vão fugir! — Sabia instintivamente que a aparição súbita de um bando de rebeldes aos gritos seria quanto bastasse para pôr os ianques em fuga. Os homens sorriram nervosamente. Um deles, Joseph May, que rezava enquanto subiam a colina, espreitou a baioneta para garantir que estava bem firme. Starbuck viu o rapaz a semicerrar os olhos. — Onde estão os seus óculos, Joe?

— Perdi-os, meu capitão. — May fungou, infeliz. — Partiram-se — acabou por admitir.

— Se algum de vós encontrar um ianque morto com óculos tragam-nos ao Joseph! — ordenou Starbuck aos seus homens, após o que calou a sua própria baioneta na espingarda. Em Manassas, devido à insistência de Washington Faulconer, os oficiais da Legião tinham entrado em combate com espadas, mas os sobreviventes tinham aprendido que os atiradores inimigos adoravam um alvo que brandisse uma espada, pelo que os oficiais tinham trocado as lâminas elegantes por espingardas e as mangas recheadas

de trancelim por tecido sem qualquer decoração. Starbuck também tinha consigo um revólver de cinco tiros que obtivera como saque no campo de batalha de Manassas, mas por enquanto deixaria a cara arma de fabrico inglês no seu coldre e dependeria da robusta espingarda do Mississippi com a sua comprida baioneta em espigão. — Estão prontos? — voltou Starbuck a perguntar.

— Prontos! — respondeu a companhia, querendo chegar ao fim da batalha.

— Nada de ovações quando atravessarmos! — alertou-os Starbuck. — Não queremos que os ianques saibam que estamos a caminho. Andem depressa e em silêncio! — Olhou para os rostos e viu a mistura de entusiasmo e de antecipação nervosa. Relanceou Truslow, que acenou brevemente com a cabeça, como se desse o seu aval à decisão de Starbuck. — Então vamos lá! — ordenou Starbuck, abrindo caminho até à luz de um verde-dourado que brilhava de viés pela clareira e tremeluzia através do fumo de um tom pérola que pairava entre as árvores como um véu de neblina. A tarde assumia um agradável tom outonal e Starbuck sentiu um receio súbito e terrível de poder vir a morrer naquela luz suave, e correu mais depressa, temendo uma salva de metralha de um canhão, ou o coice doentio provocado pelo impacto de uma bala, mas nenhum dos nortistas disparou contra a companhia enquanto esta corria até ao renque de árvores.

Abriram caminho pela vegetação rasteira do lado ianque da clareira. Assim que chegou à segurança das árvores, Starbuck viu o reflexo da água onde o rio se afastava da falésia, e além dessa curva suave avistou os compridos campos verdes do entardecer no Maryland. O panorama deixou-o momentaneamente angustiado, após o que ordenou aos homens que se deslocassem para a direita e formassem uma linha. Depois moveu o braço esquerdo, mostrando-lhes como pretendia que formassem a nova linha de batalha, mas os homens não ficaram à espera de ordens; em vez disso, corriam já por entre as árvores, em direção ao inimigo. Starbuck pretendia que avançassem sobre os ianques numa linha uniforme, mas os soldados decidiram correr em frente em pequenos grupos excitados, e esse entusiasmo mais do que compensou a irregularidade com que se dispuseram. Starbuck acompanhou-os na corrida, alheio ao facto de ter começado a gritar como uma alma penada. Thomas Truslow estava à sua esquerda, levando consigo a faca de mato de cinquenta centímetros de lâmina. A maior parte dos homens da Legião tinham começado por andar com tais catanas, mas o peso dessas facas imponentes tinha levado quase todos os soldados a abandoná-las. Por teimosia, Truslow continuara com a sua e usava-a agora como arma de eleição. Era o único na companhia que não fazia qualquer barulho, como se o trabalho entre mãos fosse demasiado sério para gritos.

Starbuck viu os primeiros ianques. Dois homens serviam-se de uma árvore tombada como ponto de tiro. Um recarregava, empurrando a longa vareta ao longo do interior da espingarda, enquanto o companheiro apontava sobre o tronco. O homem disparou e Starbuck viu o coice da arma no ombro do indivíduo e a bola de fumo iluminado pelas faúlhas criadas pela explosão do fulminante. Atrás dos dois homens, a mata pareceu subitamente apinhada de fardas azuis e, estranhamente, de casacas cinzentas penduradas em árvores, que se agitavam à medida que as balas rebeldes lhes acertavam.

— Matem-nos! — gritou Starbuck, e os dois homens na árvore caída viraram-se e fitaram, horrorizados, a carga rebelde. O soldado que recarregara a arma apontou-a a Starbuck e premiu o gatilho, mas no seu pânico esquecera-se de escorvar a espingarda. O cão bateu com um clique no aço despido. O indivíduo pôs-se de pé à pressa e passou a correr por um oficial de espada em riste e uma expressão de espanto no rosto de suíças. Ao ver o ar do oficial, Starbuck percebeu que tinha tomado a decisão correta. — Matem-nos! — vociferou, sem noção de que proferia algo tão sangüinário. Limitava-se a sentir a exaltação de um homem que iludira o inimigo, impondo assim a sua vontade no campo de batalha. Era uma sensação inebriante, que o enchia de um júbilo maníaco. — Matem-nos! — bradou mais uma vez e agora as palavras pareciam levar à desintegração de todo o flanco ianque.

Os nortistas fugiram. Alguns lançaram-se sobre a beira da falésia e deslizaram encosta abaixo, mas a maioria correu ao longo do cimo, sendo seguidos por ainda mais soldados, tendo a retirada ficado ainda mais numerosa e caótica. Starbuck tropeçou num ferido que gritava imprecações e depois correu para a zona da clareira onde o canhão de Rhode Island fora abrindo os sulcos irregulares até tombar pela beira da escarpa. Saltou por cima de uma caixa de munições, sempre a gritar o seu desafio aos homens que iam correndo à sua frente.

Nem todos os nortistas fugiram. Muitos dos oficiais decidiram que o dever era mais importante do que a segurança e, com uma bravura afim do suicídio, ali ficaram para combater o ataque de flanqueamento dos rebeldes. Um tenente apontou calmamente o revólver, disparou uma vez e depois foi derrubado por duas baionetas. Enquanto morria, ainda tentou disparar a arma, após o que um terceiro rebelde lhe enfiou uma bala na cabeça, com uma chuva de sangue a saltar quando a bala lhe acertou. O tenente morreu, embora os homens continuassem a atacar o cadáver com as baionetas com a ferocidade de cães de caça a desfazer um veado caído. Com um grito, Starbuck ordenou aos homens que deixassem o morto em paz e seguissem em frente. Não queria dar aos ianques tempo para recuperar.

Adam Faulconer cavalgava pela clareira iluminada pelo sol, gritando ao resto da Legião que atravessasse e apoiasse a companhia de Starbuck. O major Bird liderou o grupo das cores até à mata sombria, viva com os sons dos ataques rebeldes, dos tiros e dos oficiais nortistas que vociferavam ordens que nunca seriam acatadas no meio do pânico. Truslow ordenou a um nortista que largasse a espingarda, o homem não ouviu, ou então preferiu desafiar a ordem, e a faca de mato foi usada num golpe com uma horrível economia de esforço. Ao ver a sua retirada bloqueada, um grupo de ianques deu meia-volta e correu às cegas na direção dos atacantes. A maioria deteve-se ao perceber o erro, levantando as mãos em rendição, mas um deles, um oficial, desferiu um golpe tremendo na direção do rosto de Starbuck. Este recuou, deixou que a lâmina se afastasse dele com um silvo, e depois investiu com a baioneta para a frente e para baixo. Sentiu o aço acertar nas costelas do ianque e maldisse-se por ter desferido o golpe para baixo e não para cima.

— Nate! — arquejou o oficial ianque. — Por favor, não!

— Cristo! — A blasfêmia foi arrancada aos lábios de Starbuck. O homem que ele estava a atacar era membro da igreja do seu pai, um velho conhecido com quem Starbuck suportara uma eternidade de aulas de catequese. A última notícia que Starbuck tivera de William Lewis fora que se tornara aluno de Harvard, mas agora ele arquejava, com a baioneta de Starbuck trespassada entre as costelas.

— Nate? — perguntou Lewis. — És tu?

— Larga a espada, Will!

William Lewis abanou a cabeça, não por uma recusa obstinada, mas pelo espanto de ver o velho amigo a aparecer-lhe como rebelde. Depois, ao ver o ar de fúria no rosto de Starbuck, largou a espada.

— Eu rendo-me, Nate!

Starbuck deixou-o sobre a espada caída e correu para alcançar os seus homens. O encontro com um velho amigo perturbara-o. Estaria a combater um batalhão de Boston? Se assim fosse, quantos mais elementos daquele inimigo derrotado o reconheceriam? Que lares familiares as suas ações naquela colina da Virgínia iriam deixar de luto? Depois, ao ver um gigante barbado a berrar aos rebeldes, olvidou os escrúpulos. O homem, em mangas de camisa e suspensórios, servia-se de uma mão para usar como maça uma vareta de artilharia, enquanto na outra empunhava uma espada curta, estilo gládio romano, arma essa que era a norma entre os artilheiros. A retirada fora-lhe impedida, mas negava-se a render-se, preferindo morrer como herói a ceder como um cobarde. Já tinha derrubado um dos homens de Starbuck, desafiando agora os outros a enfrentá-lo. O sargento Mallory, cunhado de Truslow, disparou contra o matulão, mas

a bala falhou o alvo e o artilheiro barbado virou-se, qual fúria, contra o esgalgado Mallory.

— Ele é meu! — bradou Starbuck, e empurrou Mallory para o lado, investiu e depois recuou quando o matulão fez rodopiar a vareta. Aquilo, decidiu Starbuck, era o seu dever enquanto oficial. A companhia tinha de ver que era ele quem tinha menos medo, quem estava mais disposto a combater. Além disso, naquele dia sentia-se invencível. O grito de batalha ecoava-lhe nas veias como um jorro de fogo. Riu-se quando investiu com a baioneta, mas a lâmina foi afastada com força pela espada curta.

— Sacana! — cuspiu o artilheiro contra Starbuck, e depois movimentou o gládio em varrimentos fortes, tentando manter a atenção de Starbuck na lâmina, enquanto ele manobrava a vareta. Pensou ter enganado o oficial rebelde e bradou com uma espécie de prazer ao antecipar a ponta de madeira a esmagar o crânio do inimigo, mas Starbuck baixou-se de repente, pelo que a vareta lhe passou sobre o chapéu, tendo o movimento do violento golpe sido o suficiente para desequilibrar o calmeirão. Depois foi a vez de Starbuck gritar em triunfo ao empurrar a baioneta com força para cima, pressionando a incrível resistência da pele e da carne. Ainda gritava quando o homem imponente se contorceu e caiu, aos espasmos na comprida lâmina como um peixe a morrer na ponta de um arpão.

Starbuck estava ofegante ao tentar libertar a baioneta, mas a carne do artilheiro comprimira o aço e a lâmina não se mexia. O homem largara as suas armas e tentava debilmente agarrar a espingarda que tinha enfiada na barriga. Starbuck também tentou girar o aço para o libertar, mas a sucção da carne prendia-o como uma pedra. Premiu o gatilho da espingarda, na esperança de soltar a baioneta com o impacto, mas mesmo assim ela não se mexeu. O artilheiro arquejou horrivelmente quando a bala lhe acertou, após o que Starbuck abandonou a arma e deixou o homem a morrer no solo da floresta. Puxou então do belo revólver com punho de marfim e correu atrás dos seus homens, acabando por descobrir que a Companhia K já não se encontrava na mata, sendo apenas parte de uma onda cinzenta e creme que esmagava os defensores nortistas e empurrava os sobreviventes numa corrida alucinada para fora do cimo da falésia, encosta abaixo até à estreita faixa lamacenta ao lado do rio. Um sargento de Nova Iorque gritou ao perder o equilíbrio precário e rebolou pela encosta, fraturando a perna numa rocha.

— Nate! — Adam levava o garanhão por entre as árvores. — Chama-os de volta!

Sem perceber, Starbuck deixou-se fitar o amigo.

— Acabou! Venceste! — disse Adam, gesticulando para a massa de rebeldes que começara a disparar pela encosta íngreme da falésia, contra os ianques encurralados mais abaixo. — Detém-nos! — disse Adam, como se

culpasse Starbuck por aquela exibição de vitória satisfeita e vingativa, após o que deu meia-volta brusca ao cavalo, em busca de alguém com autoridade para impedir a matança.

Mas ninguém queria acabar com a chacina. Os nortistas estavam encurralados no fundo da falésia e os sulistas despejaram o seu fogo inclementemente sobre a massa que se contorcia, arrastava e sangrava lá em baixo. Um grupo de ianques tentou fugir ao massacre pisoteando os feridos até à segurança de um barco recém-chegado, mas o peso dos fugitivos virou a pequena embarcação. Um homem gritou por ajuda enquanto a corrente o arrastava. Outros tentaram nadar pelo canal, mas a água estava revolta e era trespassada pelo impacto das balas. Sangue tingia o rio e era levado para o mar. Homens afogavam-se, homens morriam, homens sangravam e o abate cruel e infundável continuava, enquanto os rebeldes carregavam e disparavam, carregavam e disparavam, carregavam e disparavam, sempre a troçar do inimigo derrotado e desfeito.

Starbuck chegou à beira da colina e observou a cena infernal. A base da escarpa parecia uma massa sensível a contorcer-se; um animal enorme a morrer ao lusco-fusco, embora a besta ainda mordesse, pois os tiros continuavam a soar vindos do fundo da encosta. Starbuck enfiou o revólver no cinto e juntou as mãos em concha, gritando aos ianques no fundo que se rendessem.

— Vocês são prisioneiros! — bradou, mas a única resposta foi o tremeluzir de chamas de espingardas nas sombras e o assobio de uma saraivada a passar-lhe sobre a cabeça. Starbuck voltou a puxar do revólver e esvaziou as câmaras colina abaixo. Truslow estava a seu lado, a aceitar espingardas carregadas dos homens atrás de si e a disparar contra as cabeças dos homens que tentavam nadar para um lugar seguro. Do rio quase só se via espuma, como se um cardume de peixes se agitasse num frenesim para escapar a um baixio de maré. Corpos flutuavam para jusante, outros ficavam presos em ramos, ou encalhados em bancos de lama. O Potomac transformara-se num rio de morte, vermelho de sangue, fustigado por balas e repleto de corpos. O major Bird fez um esgar ao contemplar a cena, mas não tentou impedir os homens de disparar.

— Tio! — protestou Adam. — Detenha-os!

Contudo, em vez de parar com o massacre, Bird fitou-o como um explorador acabado de se deparar com um qualquer fenómeno natural. Segundo a opinião de Bird, a guerra implicava chacina, e praticar a guerra ao mesmo tempo que se protestava contra a chacina era contraditório. Além do mais, os ianques não se rendiam, estando ainda a responder ao fogo rebelde, pelo que Bird respondeu ao apelo de Adam apontando o revólver e disparando contra a agitação.

— Tio! — queixou-se Adam com um grito.

— O nosso trabalho é matar ianques — disse Bird e observou o sobrinho afastar-se a galope. — E o trabalho deles é matar-nos a nós — prosseguiu Bird, mesmo tendo-se Adam afastado há muito do alcance das palavras —, e se os deixarmos vivos hoje, amanhã poderá chegar a vez deles. — Voltou-se mais uma vez para o horror e esvaziou inofensivamente o revólver contra o rio. À sua volta, os homens franziam os cenhos enquanto disparavam e Bird observou-os, vendo a sede de sangue a ter rédea livre, mas à medida que as sombras se foram alongando e o fogo inimigo esmoreceu até nada restar, e o medo e a emoção trazidos pelo auge daquele longo dia se desvaneceram, também os soldados deixaram de disparar e viraram costas ao rio revoltado e tinto de sangue.

Bird encontrou Starbuck a tirar um par de óculos do rosto de um morto. As lentes estavam cobertas de sangue coagulado que o jovem capitão limpou com a bainha da casaca.

— Andas a perder a visão, Nate? — indagou Bird.

— O Joe May perdeu os óculos. Estamos a tentar encontrar-lhe um par adequado.

— Quem me dera que lhe encontrasses um cérebro novo. É uma das criaturas mais lentas que já tive a infelicidade de ensinar — comentou Bird, guardando o revólver no coldre. — Tenho de te agradecer por me teres desobedecido. Bom trabalho. — Starbuck exibiu um sorriso rasgado ante o elogio e Bird, vendo o prazer feroz no rosto do nortista, interrogou-se se uma batalha poderia garantir tamanha alegria a um homem. Bird imaginava que havia quem nascesse para ser soldado, enquanto outros nasciam para ser médicos, professores ou agricultores, e Starbuck, assim cria Bird, era um soldado nascido para aquele mister sombrio. — O Moxey queixou-se de ti — contou Bird a Starbuck —, portanto, o que fazemos quanto ao Moxey?

— Entregue o desgraçado aos ianques — aventou Starbuck, após o que se afastou com Bird do cimo da falésia, de regresso às árvores, onde uma companhia do Mississippi reunia prisioneiros. Starbuck evitou os nortistas carrancudos, não querendo ser reconhecido por um eventual camarada bostoniano. Um soldado do Mississippi pegara num estandarte branco caído, o qual exibia pelo crepúsculo, e Starbuck viu o elegante brasão da Comunidade do Massachusetts bordado na seda manchada de sangue. Interrogou-se se Will Lewis continuaria no cimo da colina ou se, durante o caos da derrota, o tenente se teria esgueirado encosta abaixo até ao rio e tentado chegar à outra margem. E o que diriam em Boston, pensou Starbuck, quando soubessem que o filho do reverendo Elial pregava o grito rebelde, envergava o cinzento áspero do Sul e disparava contra os homens que re-



zavam na igreja do reverendo? Para o inferno com o que diriam. Era um rebelde, estando agora o seu destino ligado ao Sul desafiador e não àqueles soldados nortistas elegantes e bem equipados, que pareciam de uma raça totalmente diferente dos sulistas sorridentes e desgrenhados.

Deixou Bird com as cores da Legião e prosseguiu com a sua busca pela mata, à procura de óculos, ou de qualquer outro saque útil que os cadáveres poderiam albergar. Alguns dos mortos pareciam pacíficos, estando a maioria com um ar espantado. Jaziam com as cabeças inclinadas para trás, as bocas abertas e as mãos estendidas contraídas em garras. As moscas atarefavam-se nas narinas e nos olhos inertes. Por cima dos mortos, as casacas cinzentas dos nortistas, deixadas para trás e furadas pelas balas, continuavam suspensas nos ramos, parecendo enforcados na luz que se desvanecia. Starbuck encontrou um dos sobretudos de forro roxo dobrado com todo o cuidado e depositado no tronco de uma árvore, e pensando que poderia vir a ser útil no inverno que se avizinhava, pegou-lhe e abriu-o, para confirmar se por acaso estaria ileso, intocado quer por balas, quer por baionetas. No colarinho do casaco tinha sido cosido um nome e Starbuck leu as letras cuidadosamente escritas a tinta na pequena tira branca. “Oliver Wendell Holmes Jr.” dizia a etiqueta, “20º Mass.” O nome invocou a recordação súbita e intensa de uma inteligente família de Boston e do estúdio do professor Oliver Wendell Holmes, com os frascos de espécimes nas prateleiras altas. Starbuck lembrava-se que um desses frascos contivera um cérebro humano pálido e engelhado, enquanto outros tinham estranhos homúnculos de grandes cabeças, suspensos em líquido leitoso. A família não rezava na igreja de Starbuck, mas o reverendo Elial aprovava o professor Holmes, pelo que Starbuck pudera passar algum tempo na casa do médico, onde travara amizade com Oliver Wendell Júnior, um jovem intenso, magro e afável, com respostas prontas e uma natureza generosa. Starbuck esperava que o seu velho amigo tivesse sobrevivido aos combates. Depois, passando o casaco pesado de Holmes sobre os ombros, foi à procura da espingarda e de informações sobre o fado dos seus homens na batalha.

Adam Faulconer vomitou no escuro.

Ajoelhou-se nas folhas apodrecidas macias por baixo de um bordo e vomitou até ficar com a barriga seca e a garganta dorida, após o que fechou os olhos e rezou como se o futuro da humanidade dependesse da intensidade da sua petição.

Adam sabia que lhe tinham mentido e, o que era ainda pior, que tinha acreditado de livre vontade nessas falsidades. Acreditara que uma batalha feroz seria sangria quanto bastasse para lancetar a doença que afligia os

Estados Unidos, mas, em vez disso, essa batalha única servira apenas para agravar a febre e naquele dia assistira a homens a matar como bestas furiosas. Vira o seu melhor amigo, os vizinhos e o irmão da mãe a matarem como animais. Vira homens a descer aos infernos e testemunhara as vítimas a morrerem como vermes.

Já anoitecera, mas ainda se ouviam muitos gemidos vindos da base da escarpa, onde jaziam dezenas de nortistas, a sangrar e a morrer. Adam tentara descer para oferecer a sua ajuda, mas uma voz gritara-lhe que se afastasse dali e uma espingarda disparara às cegas encosta acima, na sua direção. Esse disparo isolado fora o suficiente para provocar mais uma fuzilada rebelde do cimo da falésia. Mais homens tinham gritado no escuro e começado a chorar na noite.

À volta de Adam ardiam vários lumes e em torno dessas fogueiras estavam sentados os rebeldes vitoriosos, com expressões demoníacas sorridentes. Tinham pilhado os mortos e revistado os bolsos dos prisioneiros. O coronel Lee, do 20º do Massachusetts, fora obrigado a entregar a sua bela casaca engalanada com trancelim a um tropeiro do Mississippi, o qual estava agora instalado à frente do lume e limpava a gordura das mãos às abas do casaco. Sentia-se o cheiro acre do uísque no ar noturno, o fedor amargo do sangue e o odor adocicado e enjoativo dos cadáveres em decomposição. Um punhado de baixas sulistas tinha sido enterrado no prado inclinado virado para sul, na direção da montanha Catocin, mas os corpos nortistas continuavam a céu aberto. A maior parte tinha sido recolhida e empilhada como lenha, mas alguns cadáveres estavam ainda ocultos na vegetação. Pela manhã seria trazido um grupo de escravos das quintas vizinhas para escavar uma vala grande o suficiente para albergar os mortos ianques. Perto da pilha de cadáveres ensanguentados, um homem tocava violino ao lado de uma fogueira e alguns dos homens cantavam baixinho a acompanhar a melodia lamentosa.

Adam decidiu que Deus tinha abandonado aqueles homens, tal como eles O tinham abandonado. Naquele dia, nas margens de um rio, tinham-se arrogado da decisão divina sobre a vida e a morte. Tinham-se entregado ao mal, decidiu Adam na sua excitação. Não importava que alguns dos rebeldes vitoriosos tivessem rezado ao anoitecer e que tivessem tentado ajudar o inimigo destruído; para Adam, todos eles tinham sido bafejados pelo hálito do demónio.

Pois o diabo apoderara-se da América e arrastava o mais belo país da terra para o seu covil imundo e Adam, que se deixara convencer de que o Sul precisava daquele momento único de glória marcial, sabia que tinha chegado a um ponto de viragem. Sabia que tinha de tomar uma decisão e que esta acarretava o risco de se vir a separar da família, dos vizinhos, dos

amigos e até da rapariga que amava, mas era preferível, dizia para consigo ajoelhado ao ar empestado a morte e a vômito do cimo da falésia, perder a sua Julia do que perder a sua alma.

A guerra tinha de chegar ao fim. Era essa a decisão de Adam. Tentara evitar o conflito ainda antes do início dos combates. Trabalhara com a Comissão Cristã para a Paz e vira esse grupo de notáveis pios a serem sobrepujados pelos ardentes defensores da guerra, pelo que agora iria servir-se da guerra para acabar com a guerra. Trairia o Sul, pois só com essa traição poderia salvar o país. O Norte teria de receber toda a ajuda que lhe pudessem prestar e enquanto adido do comandante geral do Sul, Adam sabia que podia garantir ao Norte maiores préstimos do que a maior parte dos outros homens.

Rezou na escuridão e a sua oração pareceu ser respondida quando uma grande paz desceu sobre ele. Essa paz disse a Adam que a sua decisão era boa. Tornar-se-ia traidor e entregaria o seu país ao inimigo em nome de Deus e pela América.

Nas trevas, os corpos flutuavam para jusante, levados em direção à baía de Chesapeake e ao oceano distante. Alguns dos cadáveres ficariam presos nos açudes de Great Falls, onde o rio virava para sul, a caminho de Washington, mas a maioria seria levada pelos rápidos e fluuaria durante a noite até ficar encurralada nos pilares da Long Bridge, a ponte que suportava a estrada para sul, desde Washington até à Virgínia. O rio lavaria os cadáveres, pelo que de manhã, quando caminhassem ao longo das águas e olhassem para os bancos de lodo nas suas margens, os cidadãos de Washington veriam os seus filhos limpos e brancos, com a pele morta a cintilar, embora os corpos estivessem agora tão inchados com gás que forçavam os botões e esticavam as bainhas das elegantes fardas novas.

E na Casa Branca, um presidente choraria pela morte do senador Baker, seu querido amigo, enquanto o Sul rebelde, vendo a mão de Deus nessa vitória à beira da água, daria graças ao Senhor.

As folhas mudaram de cor e caíram, acrescentando tons dourados e vermelhos às novas campas em Ball's Bluff. Em novembro, as tropas rebeldes afastaram-se do rio, mudando-se para o aquartelamento de inverno mais perto de Richmond, onde os jornais alertavam para o crescimento das fileiras nortistas. Dizia-se que o major-general McClellan, o *Jovem Napoleão*, estava a treinar o seu exército florescente para que atingisse o auge da perfeição militar. A pequena refrega em Ball's Bluff podia ter enchido as igrejas nortistas de luto, mas o Norte consolava-se ao pensar que a vingança estava nas mãos do magnificamente equipado exército de

McClellan, forças essas que, na primavera, cairiam sobre o Sul como um relâmpago justo.

A marinha do Norte não esperou pela primavera. Na Carolina do Sul, ao largo de Hilton Head, os navios de guerra abriram caminho a tiros de canhão até Port Royal Sound, e forças desembarcadas invadiram os fortes que guardavam Beaufort Harbor. As forças navais nortistas bloqueavam e dominavam a costa sul e embora os jornais do Norte tentassem minimizar a derrota em Port Royal, as notícias evocavam ovações e cânticos nos alojamentos dos escravos da Confederação. Houve mais festejos quando Charleston foi quase destruída pelo fogo — uma visita de um anjo de vingança, segundo diziam os pregadores nortistas — e esses mesmos pregadores regozijaram-se quando souberam que um navio de guerra ianque, desafiando as leis do mar, detivera um navio postal britânico e dele removera os dois comissários confederados enviados a partir de Richmond para negociar tratados com as potências europeias. Alguns sulistas também celebraram tal notícia, declarando que a humilhação perante a Grã-Bretanha por certo levaria a marinha britânica à costa americana, e, em dezembro, os jubilosos jornais de Richmond relatavam que batalhões de casacas vermelhas estavam a desembarcar no Canadá para reforçar a guarnição permanente, para o caso de os Estados Unidos decidirem combater a Grã-Bretanha, em vez de devolver os dois comissários raptados.

A neve caiu nas montanhas Blue Ridge, cobrindo o túmulo da esposa de Truslow e cortando as estradas de acesso à zona oeste da Virgínia, que tinha desafiado Richmond separando-se do Estado e juntando-se à União. Washington celebrou a deserção, declarando que se tratava do início da dissolução da Confederação. Mais tropas marcharam ao longo de Pennsylvania Avenue e em direção aos campos de treino no Norte ocupado da Virgínia, onde o Jovem Napoleão lhes aprimorava as capacidades. Todos os dias chegavam novas peças de artilharia em comboios vindos das fundições nortistas, sendo esses canhões dispostos em carreiras gigantescas nos campos junto ao Edifício do Capitólio, que cintilava branco ao sol de inverno, por baixo dos andaimes na cúpula em construção. Bastava um empurrão forte, alegavam os jornais nortistas, e a Confederação seria derrubada, qual árvore morta e apodrecida.

A capital rebelde não sentia a mesma confiança. O inverno nada trouxera, além de más notícias e tempo ainda pior. A neve chegara cedo, o frio era cortante e o torno ianque parecia estar cada vez mais apertado. A perspectiva de uma iminente vitória nortista serviu, pelo menos, para alegrar Adam Faulconer, que duas semanas antes do Natal cavalgou desde a cidade até ao molhe de pedra em Rockett's Landing. O vento agitava o rio cinzento, criando ondas curtas e fortes, e assobiava no cordame alcatroado do navio

de tréguas que saía uma vez por semana da capital confederada. O barco navegava rio James abaixo, passando sob as peças elevadas do forte rebelde em Drewry's Bluff e atravessando os meandros ladeados por marinhas até à confluência do rio com o Appomattox, e a partir daí para leste, ao longo de um curso largo e baixo até que, a cento e dez quilómetros de Richmond, chegava a Hampton Roads e dirigia-se para norte, até ao cais do Forte Monroe. Embora situado em solo virginiano, o forte estava nas mãos das forças da União desde antes do início da guerra e aí, sob a bandeira das tréguas, o navio descarregava nortistas capturados que eram trocados por prisioneiros sulistas libertados pelo Norte.

O frio vento de inverno fustigava Rockett's Landing com pancadas de chuva fina e empestava o desembarcadouro com o cheiro das fundições que arrotavam o seu fumo sulfuroso de carvão ao longo da margem do rio. A chuva e o fumo deixavam tudo gorduroso: as pedras do molhe, os pegões de metal, os cabos que prendiam o barco e até as fardas finas e largas dos trinta homens que aguardavam ao lado da prancha de embarque. Os indivíduos à espera eram oficiais nortistas que tinham sido capturados em Manassas e que, depois de quase cinco meses de cativeiro, estavam a ser trocados por oficiais rebeldes capturados na campanha do general McClellan no Estado atualmente denominado de Virgínia Ocidental. O rosto dos prisioneiros estava pálido na sequência da sua prisão em Castle Lightning, um edifício fabril que se situava em Cary Street, junto aos dois grandes tanques de armazenamento que continham o suprimento de gás para a iluminação de rua da cidade. As roupas dos prisioneiros libertados estavam largas, marca do peso perdido durante a reclusão na fábrica ocupada pelos militares.

Os homens tremiam enquanto aguardavam pela autorização para embarcar no navio de tréguas. A maioria tinha consigo pequenos sacos com as poucas posses que tinham conseguido manter durante o aprisionamento: um pente, algumas moedas, uma Bíblia, cartas de casa. Tinham frio, mas pensar na sua libertação iminente alegrava-os e provocavam-se mutuamente quanto à receção no Forte Monroe, inventando refeições cada vez mais sumptuosas que seriam servidas na messe dos oficiais. Sonhavam com lagostas e bifés, com sopa de tartaruga e ostras, com gelados e doce de maçã, com bife de veado com mirtilos, com pato com molho de laranja, com copos de Madeira e garrafas de vinho, mas acima de tudo sonhavam com café, com um bom e forte café verdadeiro.

Um dos prisioneiros não sonhava com nada disso, andando, em vez disso, com Adam Faulconer ao longo do desembarcadouro. O major James Starbuck era um homem alto, com um rosto que chegara a ser carnudo, mas que agora parecia descaído. Ainda era jovem, mas a sua pose, o con-

tínuo franzir de cenho e o cabelo ralo davam-lhe um aspeto bem mais velho do que a idade real. Em tempos ostentara uma barba elegante, embora até isso tivesse perdido o brilho no interior húmido de Castle Lightning. Antes da guerra, James fora um advogado bostoniano em ascensão e depois tornara-se um dos ajudantes-de-campo de maior confiança de Irvin McDowell, o general que perdera a batalha em Manassas. Agora, aquando do seu regresso ao Norte, James não sabia o que viria a ser dele.

A missão de Adam naquele dia era garantir que só os prisioneiros cujos nomes tinham sido acordados entre os dois exércitos seriam libertados, mas esse dever fora pura e simplesmente ignorado, trocado por uma chamada e pela contagem das cabeças. Assim que a tarefa foi cumprida, Adam procurara a companhia de James e pedira para falar a sós com o oficial. Naturalmente, James imaginara que Adam pretendia falar acerca do irmão.

— Julga que haverá a hipótese de o Nate vir a mudar de lado? — perguntou James a Adam, esperançoso.

Adam não queria responder diretamente. A bem da verdade, sentia-se profundamente desapontado com o amigo Nathaniel Starbuck, o qual, segundo acreditava, abraçara a guerra como se de uma amante se tratasse. Para Adam, Nate abandonara Deus e o melhor por que podia esperar era que Deus não tivesse igualmente abandonado Nate Starbuck. Claro que Adam não queria apresentar tão duro julgamento, pelo que tentou encontrar alguma réstia de uma bondade redentora que recuperasse a esperança depositada por James no seu irmão mais novo.

— Ele disse-me que participa regularmente em grupos de oração — respondeu, sem grande convicção.

— Isso é bom! Isso é muito bom! — James pareceu invulgarmente animado, após o que franziu o sobrolho enquanto coçava a barriga. À semelhança de todos os outros prisioneiros mantidos em Castle Lightning, ele apanhara piolhos. Ao início, a infestação fora algo terrivelmente vergonhoso, mas o tempo levava-o a habituar-se aos parasitas.

— Mas o que fará Nate no futuro? — indagou Adam, tendo de imediato respondido à sua pergunta abanando a cabeça. — Não sei. Se o meu pai retomar o comando da Legião, creio que o Nate será obrigado a procurar outro trabalho. Bem vê, o meu pai não gosta do Nate.

James deu um salto, alarmado com o súbito assobio do vapor de uma locomotiva na Linha do Rio York, ali perto. A máquina soprou mais uma enorme golfada de vapor, e depois as suas enormes rodas motrizes soltaram um gemido agudo quando tentaram encontrar tração nos carris de aço molhado e brilhante. Um supervisor bradou ordens a um par de escravos que correram em frente para espalhar mancheias de areia sob as rodas que giravam. A locomotiva conseguiu por fim encontrar tração e avançou com um

sacão, fazendo estremecer e ressoar um longo comboio de vagões cobertos. Um jorro de fumo sufocante e acre flutuou até Adam e James. A locomotiva tinha como combustível pinho resinoso que deixava uma gosma espessa na borda da chaminé.

— Tinha um motivo específico para querer falar consigo — disse Adam, embaraçado, quando o barulho da locomotiva se desvaneceu.

— Para se despedir? — aventou James, equivocado. Uma das solas dos sapatos soltara-se e agitava-se enquanto andava, fazendo-o tropeçar ocasionalmente.

— Tenho de ser franco — disse Adam, nervosamente, e depois ficou em silêncio quando os dois homens contornaram um monte enferrujado de corrente de âncora. — A guerra — acabou finalmente Adam por se explicar — tem de chegar ao fim.

— Ah, é verdade — concordou James, com fervor. — Sim, com efeito. É a minha maior esperança.

— Não tenho como lhe descrever — disse Adam, com igual fervor — a tribulação que a guerra já trouxe ao Sul. Temo só de pensar em tais iniquidades a serem impostas ao Norte.

— Amém — exclamou James, embora não fizesse ideia do que Adam pretendia dizer. Na prisão, por vezes parecia que a Confederação estava a vencer a guerra, impressão que aumentara aquando da chegada dos desconsolados prisioneiros de Ball's Bluff.

— Se a guerra continuar — disse Adam —, isso vai degradar-nos a todos. Seremos motivo de troça na Europa. Perderemos qualquer autoridade moral que possamos possuir no mundo. — Abanou a cabeça, como se não se tivesse conseguido expressar devidamente. Além do molhe, o comboio ganhava velocidade, com as rodas dos vagões a passarem com estrépito por cima das uniões dos carris e o fumo da locomotiva a recortar-se branco contra as nuvens cinzentas. Um guarda saltou para a plataforma do vagão-freio e entrou para fugir ao vento frio. — A guerra é errada! — acabou Adam por debitar. — Vai contra o objetivo divino. Tenho vindo a rezar por este assunto e suplico que me compreenda.

— Mas eu compreendo-o — replicou James, mas foi incapaz de dizer mais, pois não queria ofender o novo amigo dizendo que a única forma de cumprir o objetivo de Deus seria com a derrota da Confederação, e embora Adam pudesse estar a dar voz a sentimentos afins do coração de James, ele não deixava de usar uma farda do cinzento dos rebeldes. Era tudo muito confuso, pensou James. Alguns dos prisioneiros nortistas em Castle Lightning tinham-se gabado abertamente do seu adultério, eram blasfemos e trocistas. Gostavam de bebida e de jogo, violadores do domingo e libertinos; homens que James considerara do mais vulgar caráter e do mais gros-



seiro molde, mas não deixavam de ser soldados que lutavam pelo Norte, ao passo que Adam, aquele homem atormentado e devoto, era um rebelde.

Depois, para espanto de James, Adam provou que essa suposição estava errada.

— Aquilo que é necessário — disse Adam —, e rogo a sua discrição quanto a este assunto, é que o Norte consiga uma vitória rápida e esmagadora. Só assim poderá esta guerra chegar ao fim. Acredita em mim?

— Acredito. Acredito. É claro. — James sentia-se sobrepujado pelos sentimentos de Adam. Parou e baixou o olhar para o rosto do homem mais jovem, alheio a um sino que começara a soar, para que os prisioneiros se dirigissem para bordo do navio de tréguas. — E junto as minhas preces às suas — ofereceu, com um ar santarrão.

— Neste momento, as preces não chegam — replicou Adam, e tirou do bolso uma Bíblia que entregou a James. — Peça-lhe que leve isto para o Norte. Escondida atrás das guardas está a lista completa das unidades do nosso exército, a sua força até esta semana e as posições atuais na Virgínia. — Adam estava a ser modesto. No arquivo improvisado criado pela capa de pele da Bíblia, guardara todos os pormenores relativos às defesas confederadas no Norte da Virgínia. Elencara as provisões de cada brigada do exército rebelde e analisara a possibilidade de recrutamento obrigatório a ser adotado pelo governo de Richmond na primavera. O seu cargo no estado-maior permitira a Adam revelar o total semanal de peças de artilharia novas que chegavam ao exército vindas das fundições de Richmond e trair a quantidade de canhões falsos apontados aos piquetes nortistas a partir dos redutos rebeldes em torno de Centreville e Manassas. Esquematisara as defesas de Richmond, alertando para o facto de o anel de fortes e de trincheiras estar ainda a ser construído e que cada mês que passasse faria com que os obstáculos fossem mais formidáveis. Contou ao Norte sobre o novo couraçado que estava a ser construído em segredo na doca de Norfolk e sobre os fortes que protegiam as vias fluviais para Richmond. Adam incluía tudo o que lhe fora possível, descrevendo as forças e as fraquezas do Sul, mas recordando sempre o Norte de que um ataque forte por certo derrubaria a secessão como um castelo de cartas.

Adam esperava sinceramente que aquela traição abrangente fosse suficiente para acabar com a guerra, mas tinha consciência de que quem recebesse aquela carta poderia exigir mais informações. Agora, enquanto andava pelo molhe gorduroso, Adam explicava a James como poderia receber uma mensagem vinda do Norte. Adam dedicara bastante esforço àquele esquema, tentando prever qualquer situação que pudesse revelar a sua identidade às autoridades sulistas, e sabia que o maior risco se encontrava nas mensagens nortistas que chegassem ao Sul.

— Razão por que prefiro que nunca entre em contacto comigo — alertou Adam —, mas se o tiver de fazer, suplico-lhe que nunca use o meu nome nas cartas.

— É claro. — James fechou as mãos frias em torno da capa de pele da Bíblia, consciente de uma sensação de felicidade culpada. Era correto que ficasse satisfeito por Adam abraçar a causa nortista, mas parecia-lhe vergonhoso que nessa mostra visse uma vantagem para si próprio, já que sabia que a missiva oculta na Bíblia poderia ajudar a impulsionar a sua carreira militar. Em vez de regressar ao Norte na pele de um ajudante-de-campo humilhado de um general fracassado, de repente passara a ser o portador da vitória nortista. As suas orações tinham sido atendidas, e com juros.

— Se for necessário, poderei enviar-lhe mais informações — prosseguiu Adam —, mas apenas a si. A mais ninguém. Não posso confiar em mais ninguém. — Ambos os lados estavam pejados de informantes que trairiam fosse quem fosse pelo preço de uma garrafa de uísque, mas Adam estava certo de poder confiar naquele advogado de Boston, um homem tão devoto e religioso como qualquer um de ambos os exércitos. — Dá-me a sua palavra enquanto cristão de que vai manter segredo quanto à minha identidade?

— É claro — garantiu James, ainda estupefacto com o seu golpe de sorte.

— Terá de manter segredo de todos — insistiu Adam. — Se revelar a minha identidade ao general McClellan, não tenho a certeza de que ele não a conte a mais alguém, e esse alguém poderá ser a minha ruína. Prometa-me. Ninguém, além de nós os dois, poderá saber.

James assentiu mais uma vez.

— Prometo. — Virou-se quando o sino do navio voltou a fazer-se ouvir. Os camaradas prisioneiros subiam a prancha, mas James continuava sem fazer menção de se juntar a eles. Em vez disso levou a mão a um bolso interior da casaca suja e puída, de onde tirou um embrulho envolvido com oleado. O material estava solto e James afastou-o, revelando uma pequena Bíblia de bolso, bastante usada, de capa gasta. — Pode entregar isto ao Nate? Pede-lhe que a leia?

— Com todo o prazer. — Adam aceitou a Bíblia grossa e observou James enrolar as novas Escrituras com o pedaço de oleado.

— E diga-lhe — acrescentou James com a voz embargada — que se ele regressar ao Norte, farei o possível por reconciliá-lo com os nossos pais.

— É claro — asseverou Adam, embora não imaginasse que Starbuck aceitasse a generosidade do irmão.

— Quer ficar aqui, ó senhor? — gritou um marinheiro a James, desde o barco.

— Lembre-se da sua promessa — recordou Adam. — Não diga a ninguém quem lhe entregou essa carta.

— Pode confiar em mim — descansou-o James. — Não o direi a ninguém.

— Deus o abençoe. — Adam sentiu um carinho súbito e profundo por aquele homem bondoso e desajeitado, obviamente um irmão em Cristo. — E Deus abençoe os Estados Unidos.

— Amém a isso — replicou James, após o que estendeu a mão. — Estará nas minhas orações.

— Obrigado — agradeceu Adam, que apertou a mão de James antes de acompanhar o nortista ao barco que o aguardava.

A prancha foi puxada para bordo e as sirgas lançadas. James ficou junto à amurada, com a nova Bíblia bem segura nas mãos. Quando a última sirga foi largada e o barco se deslocou visivelmente para a corrente do rio, os prisioneiros libertados soltaram uma ovação. As pás laterais começaram a rodar, deixando a água suja branca com a rotação. O movimento das rodas provocou uma nova saudação por parte dos recém-libertados, à exceção de James, que se manteve silencioso e afastado. Uma pluma de fumo imundo saía da alta chaminé do navio, descendo para cobrir o rio.

Adam observou a embarcação passar pelo molhe da marinha, com a progressão a ter a ajuda da corrente fria e agitada pelo vento. Acenou uma derradeira vez a James, depois olhou para a Bíblia de bolso e viu que esta tinha as margens preenchidas com apontamentos feitos numa letra miúda e apertada. Era a Bíblia de um homem que se debatia com a vontade de Deus, a Bíblia de um bom homem. Adam fechou e apertou o livro, como se fosse capaz de retirar forças da palavra divina. Depois deu meia-volta e coxeou de volta ao cavalo preso que o aguardava. O vento soprava frio, mas Adam sentia uma calma profunda, pois tinha feito o mais acertado. Escolhera o caminho da paz e, ao fazê-lo, traria apenas graças ao seu país. Voltaria a ser um país único, Norte e Sul, unidos segundo o objetivo de Deus.

Adam cavalgou em direção à cidade. Atrás dele, o barco de tréguas chapinhava e fumegava em torno da curva do rio, a caminho do Sul com a sua carga de traição e de paz.